

Filipa da Silva Soares

Stress Parental e Desempenho Académico

Universidade Lusófona do Porto

Faculdade de Psicologia

Porto

2012

Filipa da Silva Soares

Stress Parental e Desempenho Académico

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde na Especialidade de Crianças e Adolescentes

Orientador científico: Professora Doutora Ângela Leite

Universidade Lusófona do Porto
Faculdade de Psicologia

Porto
2012

Dedicatória

Este estudo é dedicado a todos os pais que, como sabem, o desempenho do papel parental é difícil de desempenhar. Estarem sempre atentos às necessidades dos filhos, terem capacidade para lhes proporcionar um mundo melhor, dar carinho, conforto e segurança de forma, a que a criança se desenvolva num mundo melhor.

Dedico este estudo a todos os pais que não têm a perceção de que o seu comportamento tem influência no mundo da criança e que para isso é preciso mudar.

Agradecimentos

Esta investigação é o resultado de vários anos de formação académica que me permitiram crescer tanto ao nível pessoal como a nível profissional. Por isso tenho a agradecer a algumas pessoas que me acompanharam ao longo deste percurso e que marcaram a sua presença nos momentos que mais necessitei.

Agradeço à minha orientadora de dissertação Professora Doutora Ângela Leite pelo apoio, orientação e disponibilidade na realização deste estudo.

Agradeço à Dra. Isabel Sofia Costa pela disponibilidade de me acompanhar nos bons e maus momentos do meu percurso e pela sua amizade.

Ao Agrupamento de Escolas de Rio Tinto, nº2 por autorizarem a realização deste estudo na Escola Básica nº1 da Boavista, Rio Tinto, à qual também agradeço.

Às professoras das turmas que se disponibilizaram em ajudar na distribuição dos questionários.

Às mães que se disponibilizaram em parar um pouco o seu tempo e responder aos inquéritos deste estudo e partilhar aspetos da sua vida.

À minha turma de Mestrado pela ajuda, partilha de ideias e grande amizade.

À Universidade Lusófona do Porto e ao seu corpo docente pela partilha de conteúdos que são fundamentais para a minha prática como Psicóloga no futuro.

A todos obrigada!

Resumo

Este estudo pretende verificar se o *stress* parental influencia o desempenho escolar nas disciplinas de português e matemática de crianças que frequentam o primeiro e o quarto ano de escolaridade numa amostra de 50 mães (26-51 ou mais anos) e 50 crianças (6-11anos) na Escola Básica nº1 da Boavista, Rio Tinto.

Utilizou-se o PSI-*Índice de Stress Parental* (Abidin & Santos, 2003) e a um questionário sociodemográfico.

Verificamos que à medida que o stress parental aumenta, o desempenho escolar diminui e encontramos alguns resultados significativos entre as subescalas do PSI e as variáveis sociodemográficas.

Concluimos que o stress parental tem alguma influência no desempenho escolar da criança, mas que existem outros fatores que também influenciam significativamente o desempenho.

Palavras-chave: *stress* parental, desempenho escolar, *Índice de Stress Parental*.

Abstract

This research aims to verify if parental stress affects school performance in the subjects of math and portuguese of children who attend the first and fourth grade in a sample of 50 mothers (26-51 years or more) and 50 children (6-11 years) primary school nº 1 Boavista, Rio Tinto.

It was used the PSI- Parental Stress Index (Abidin & Santos, 2003) and a sociodemographic questionnaire.

We found that as parental stress grows, school performance decreases, and we found some significant results between subscales of the PSI and sociodemographic variables.

We conclude that parental stress have an influence on children's school performance, but there are some other factors that influence significantly their performance.

Keywords: parental stress, school performance, Parental Stress Index

Siglas e Abreviaturas

PSI-Índice de *Stress* Parental

SGA- Síndrome de Adaptação Geral

VI- Variável Independente

VD – Variável Dependente

VC- Variável critério

VP- Variável Preditora

M- Média

DP – Desvio Padrão

N – Número da amostra

Índice

Dedicatória	4
Agradecimentos	5
Resumo	6
Abstract	6
Siglas e Abreviaturas.....	7
Índice	8
Introdução	11
Capítulo I: Stress	13
Stress	13
Modelos Explicativos do Stress	14
Modelo Biológico do Stress.....	14
Modelo do Síndrome Geral de Adaptação (SGA)	14
Modelo de Mudanças de Vida	15
Modelo de Cox e McKay.....	15
Modelo da Interação ou Modelo Transacional de Stress	16
Circunstâncias indutoras de stress	16
Estratégias para lidar com o stress	17
Capítulo II: Família e Parentalidade	20
Família	20
Sinais de stress na família	20
Parentalidade.....	21
Funções da Parentalidade.....	21
Capítulo III Stress Parental.....	23
Stress Parental	23
Stress parental e suas relações	23
Capítulo IV: Desempenho Académico	26
Desempenho académico e estudos.....	26

Capítulo V: Stress Parental e Desempenho académico.....	29
Capítulo VI: Estudo empírico	31
Importância da investigação	31
Objetivos	31
Hipóteses.....	32
Variáveis	32
Metodologia	32
Amostra.....	32
Instrumentos.....	36
Procedimentos.....	38
Critérios de inclusão e exclusão.....	39
Capítulo VII Resultados.....	40
Resultados aos itens do Índice de stress Parental (Abidin & Santos, 2003).....	40
Resultados das Subescalas do PSI	46
Análise do total de stress em mães de crianças que frequentam o primeiro e quarto ano de escolaridade.....	47
Analisar o desempenho escolar das crianças nas disciplinas de Português e Matemática no primeiro e quarto ano.	47
Relação entre o stress parental e os resultados académicos da criança.	48
Relação entre o stress de vida e o stress parental.	48
Relação entre stress de vida e o desempenho académico	49
Relação entre o Domínio da Criança e o Domínio da Mãe	49
Influência entre o Stress total das mães e o desempenho académico das crianças.....	49
Índice de Stress Parental e Variáveis Sociodemográficas	50
Resultados mais significativos.....	51
Capítulo VIII Discussão	54
Capítulo IX: Limitações do estudo.....	60
Capítulo X: Conclusão	61
Bibliografia.....	63

Índice de tabelas

Tabela 1 Idade das Mães	33
Tabela 2 Situação profissional.....	35
Tabela 3 Idade das Crianças	35
Tabela 4 Ano de escolaridade das crianças	36
Tabela 5 Frequências dos itens da escala	40
Tabela 6 Frequências das Subescalas do PSI	46
Tabela 7 Total stress qualitativo	47
Tabela 8 Classificações de Português e Matemática.....	47
Tabela 9 Correlação entre o Total de Stress e resultados académicos	48
Tabela 10 Stress de Vida e Stress Parental	48
Tabela 11 Stress de Vida e Desempenho Académico	49
Tabela 12 Domínio da Criança e Domínio da mãe	49

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Idade das mães em categorias	33
Gráfico 2 – Estado Civil das mães.....	34
Gráfico 3 – Escolaridade das mães.....	34
Gráfico 4 – Género da criança.....	35

Anexos

Anexo 1 – Consentimento Informado ao Agrupamento de Escolas nº2 de Rio Tinto
Anexo2 – Consentimento Informado à Escola Básica nº 1 da Boavista, Rio Tinto
Anexo 3 – Consentimento Informado às mães
Anexo 4 – Questionário Sociodemográfico
Anexo 5 – Índice de Stress Parental (questionário)

Introdução

O *stress* é um problema que afeta a vida do ser humano em determinadas situações do quotidiano associando-o às “mudanças constantes” e ao “ritmo acelerado” que se verificam nos indivíduos atualmente, que exigem “transformações nos comportamentos, atitudes e valores” de cada um, o que leva à “imposição de novos desafios” e estilos de vida diferentes e que conduzem, frequentemente a “sentimentos de incontrolabilidade e de instabilidade no presente e incerteza quanto ao futuro”. (Pinto & Silva, 2005, p.13)

Segundo a literatura, o *stress* pode ter influências negativas ou positivas para o indivíduo, consoante a situação indutora de *stress* e a interpretação que o sujeito faz da referida situação.

Considera-se importante abordar este tema pois, nos dias de hoje, as famílias têm de adaptar o seu estilo de vida às exigências da nossa sociedade, ao nível económico, social, psicológico e emocional. Estas mudanças podem gerar determinados conflitos que por sua vez se tornam em situações indutoras de *stress*. Se a família é capaz de lidar com a situação resolve o problema sem grandes conflitos, caso contrário o problema começa a tornar-se incontrolável de se resolver e os níveis de *stress* tornam-se elevados tanto para o sistema familiar como para cada indivíduo que a compõe.

Neste estudo, antes de se fazer referência ao *stress* parental, é necessário compreender o conceito *stress*. No capítulo I pretende-se desenvolver resumidamente o conceito *stress*, os seus modelos explicativos, as circunstâncias indutoras do mesmo e uma referência às estratégias para lidar com o *stress*.

Como este estudo se refere ao *stress* parental, faz sentido desenvolver, no capítulo II, os conceitos Família e Parentalidade, alguns sinais de *stress* que podem surgir no seio familiar e quais são as funções da parentalidade no contexto familiar.

No capítulo III, entra-se num dos temas principais do estudo, o *stress* parental, dando a conhecer o conceito e as suas relações com determinadas problemáticas.

O tema Desempenho Académico encontra-se desenvolvido no capítulo IV com alguns estudos onde se evidenciam alguns fatores que influenciam o desempenho escolar das crianças.

No capítulo V, abordam-se os poucos estudos encontrados entre o *stress* parental e o desempenho escolar.

Desenvolve-se no capítulo VI o estudo em questão com a formulação dos objetivos, das hipóteses e das variáveis, os procedimentos que se seguiram para a recolha dos dados

da amostra, a caracterização da mesma, a descrição dos instrumentos utilizados e os critérios de inclusão e exclusão.

No capítulo VII, apresentam-se os resultados obtidos no índice de *stress* parental (resultados descritivos), os resultados das subescalas do PSI e as correlações entre as variáveis em estudo.

Por fim, apresenta-se uma discussão (capítulo VIII) sobre os resultados recorrendo a estudos efetuados sobre a temática, as limitações encontradas no estudo (capítulo IX) e uma conclusão geral (capítulo X).

Capítulo I: Stress

O conceito *stress* está presente em diversas situações, uma vez que encontramos a sua influência e interferência em situações do dia a dia como o trabalho, organizar os horários de família, tempo com os filhos até mesmo situações mais universais como catástrofes naturais, guerras que provocam no organismo respostas rápidas no sentido de manter o equilíbrio ou a homeostase (Arantes & Vieira, 2002)

Segundo Vaz Serra (1999), o *stress* tem sido investigado segundo “três grandes linhas de investigação: a resposta biológica que determina (desde os aspetos dos sistema nervoso central às suas repercussões vegetativa, endócrina, imunitária e comportamento em geral), os acontecimentos que o desencadeiam e a transação que em tais circunstâncias se estabelece entre o individuo e o meio ambiente”(p.10). Refere também que “se deve ter em conta ao apoio social como fator atenuante do impacto das circunstâncias indutoras de *stress* sobre o individuo”. (p.10)

Stress

As diferentes definições de *stress* consideram que o *stressor* corresponde ao que é causado pelo meio ambiente exterior ao individuo e a resposta a esse *stressor* será o *stress* ou sofrimento. Este conceito de *stress* é visto como mudanças bioquímicas, fisiológicas, comportamentais e psicológicas do individuo em interação com o ambiente. (Ogden, 2004, p.285)

Segundo Lipp (2004, cit in Levy, 2008) o *stress* é uma reação normal do organismo e indispensável para a sobrevivência, caracterizando-se por um processo complexo, com componentes psicobioquímicos e que tem o seu mecanismo desencadeado em resposta a uma necessidade significativa de adequação, frente a um estímulo *stressor*. Em doses moderadas o *stress* fornece motivação e aumento da produtividade, no entanto, quando em excesso resulta em destruição e desequilíbrio orgânico, prejudicando a qualidade de vida ao nível social, saúde, profissional, entre outros. (Lipp, 2004, cit in Levy 2008)

Santos e Castro (1998) definem *stress* como “ a condição que resulta quando as trocas (transações) pessoa/meio ambiente, levam o individuo a perceber, sentir uma discrepância, que pode ser real ou não, entre as exigências de uma determinada situação e os recursos do individuo, ao nível biológico, psicológico ou de sistemas sociais”.

Modelos Explicativos do Stress

Ao longo de vários estudos o *stress* foi sendo determinado por três modelos: “como um processo fisiológico de resposta a uma variedade de acontecimentos externos”, outro como “função dos acontecimentos ambientais e por último como “resultado de uma avaliação cognitiva dos acontecimentos ambientais”, isto é, da interpretação que o sujeito faz sobre o acontecimento. (Bennett, 2002, p. 41)

Modelo Biológico do Stress

Walter Cannon (1929) introduz o termo “homeostasia” e alargou o conceito homeostático aos parâmetros emocionais e físicos. (Santos & Castro, 1998)

O mesmo autor, em 1932, descreve o comportamento de resposta a uma situação indutora de *stress* como “fuga ou luta” (*fight or flight*). Esta resposta comportamental é desencadeada pelo Sistema Nervoso Simpático (SNS), de acordo com a perceção que o individuo faz perante uma situação que provoca uma sensação de ameaça externa à sua integridade física ou emocional. A reação do SNS inclui uma preparação do corpo ao nível fisiológico para tomar uma posição e lutar ou afastar-se do perigo. Os sintomas físicos são diversos como aumento da pressão sanguínea e da frequência cardíaca, sudorese, hiperglicemia, mãos e pés frios, pois o sangue é direcionado aos grandes músculos no sentido de se preparar para lutar ou fugir. (Ogden, 2004, p.286)

Neste modelo o *stress* foi considerado como uma resposta a *stressores* externos, considerados essencialmente fisiológicos.

Modelo do Síndrome Geral de Adaptação (SGA)

Hans Selye (1956) trouxe da física o termo *stress*, utilizado para denominar as ações mútuas de forças que têm lugar através de qualquer parte do nosso organismo. (Santos & Castro, 1998).

O fracasso e o esgotamento de uma tentativa de adaptação era o fator que desencadeava a tríade observada em muitos sintomas designados de “doenças de adaptação”, daí surgir o nome “síndrome geral de adaptação (SGA)” ou “síndrome de *stress* (SS)”.

Esta síndrome foi dividida em três fases: a fase inicial de alarme em que o corpo é ativado para confrontar o *stressor*, ou seja, há um aumento na atividade que ocorre imediatamente após a exposição do indivíduo a uma situação indutora de *stress* considerada de ameaça. A segunda fase é a de resistência ou adaptação medida por um

processo de alterações hormonais a longo prazo que envolve o *coping* e tentativas de inverter os efeitos do estado de alarme. Por último a fase de exaustão e o esgotamento dos recursos do corpo provocando a doença. (Bennett, 2002)

Uma das limitações deste modelo é não compreender a experiência emocional do *stress* e não pode explicar como é que algumas pessoas podem experienciar os mesmos acontecimentos, mas apresentarem efeitos emocionais e de saúde muito diferentes. (Ogden, 2004)

Seley (1985) considerava que nem todos os estados de *stress* ou de ameaça à homeostasia, são nocivos, havendo dois tipos de *stress*: o *distress* que é prejudicial e nocivo e o *eustress* que é benéfico e construtivo, e que estados breves, suaves e controlados de desafio à homeostasia poderiam ser vivenciados como agradáveis ou estimulantes para um bom desenvolvimento intelectual e emocional (Santos & Castro, 1998).

Modelo de Mudanças de Vida

Este modelo surgiu para se estudar o *stress* e as mudanças com ele relacionadas como resposta às experiências de vida. Holmes e Rahe (1967) desenvolveram a escala de avaliação de experiências recentes “*Schedule of Recent Experiences*” constituída por uma lista de várias mudanças ou acontecimentos de vida que tinham uma pontuação e após ser preenchida pelo sujeito iria indicar o seu nível de *stress*. A escala ia desde os acontecimentos mais marcantes (p.ex. morte de um familiar) até a acontecimentos menores (p.ex. férias, mudanças de hábitos alimentares). No entanto, esta escala sofreu várias críticas: nem todos os acontecimentos de vida são vistos como negativos para o indivíduo (uma situação de divórcio pode ser um acontecimento *stressante* para alguns e constituir alívio para outros), o estado de saúde atual do sujeito influencia as suas pontuações retrospectivas, as mudanças de vida são vistas como independentes umas das outras, não avaliando possíveis interações entre elas, o que na prática não é verdade. (Ogden, 2004, p. 287-290)

Modelo de Cox e McKay

Cox e McKay (1976) consideraram o termo *stress* como um fenómeno percetual que surge a partir da comparação entre aquilo que é pedido ao indivíduo e a capacidade que ele tem para lidar com isso. (Payne, 2003, p. 24).

Este modelo introduz a ideia da perceção das faculdades para lidar com as situações indutoras de *stress* como fator que dirige o *stress* resultante. Quando a perceção do indivíduo relativa à exigência do ambiente é marcada pela sensação de possuir capacidades

para lidar com essa exigência, então pode-se afirmar que existe um estado de equilíbrio. (Payne, 2003, p. 24)

Modelo da Interação ou Modelo Transacional de Stress

No início da década de 80, Lazarus e Folkman (1984) desenvolveram o modelo transacional de *stress*. Lazarus e Folkman consideraram que o *stress* envolvia uma combinação entre os indivíduos e o seu mundo exterior e que suscitava uma resposta de *stress* caso o indivíduo avaliasse um acontecimento potencialmente *stressante*. Assim, o indivíduo é considerado como um ser psicológico que avalia o meio externo e não como reagindo apenas a ele. (Ogden, 2004, p.291)

Esta avaliação da situação indutora de *stress* pode ser de dois tipos: avaliação primária que corresponde a uma avaliação inicial da situação propriamente dita e que pode ser feita de forma irrelevante (quando não tem qualquer impacto no seu bem-estar), positiva (quando mantém ou melhora o seu bem-estar) e angustiante (quando envolve dano, perda ou ameaça para o indivíduo). O segundo tipo de avaliação é a avaliação secundária em que o sujeito avalia os recursos e quais as opções de que dispõe, ou seja, faz uma análise das vantagens e desvantagens dos vários mecanismos de *coping*. Assim, temos uma avaliação primária que corresponde a uma apreciação do meio externo e uma avaliação secundária que consiste na apreciação do próprio sujeito. (Ogden, 2004, p. 291).

Segundo Lazarus e Folkman (1980) existem dois tipos de *coping*: o *coping* focado no problema que envolve o indivíduo a enfrentar o *stress* de forma a diminuir a sensação de ameaça e o *coping* centrado nas emoções em que o indivíduo inclui estratégias destinadas a reduzir os níveis de ansiedade e não necessariamente estratégias para mudar a situação. Perante uma situação indutora de *stress* o indivíduo pode evitar a situação, planear como enfrentar o problema e procurar o suporte social. (Ogden, 2004)

Foram realizados estudos no sentido de verificar o resultado da avaliação sobre o *stress* e foi analisada a função do estado psicológico do sujeito na atitude face ao *stress*. Speiman e colaboradores (1964, cit in Ogden, 2004) concluíram que não é a situação em si que provoca o *stress*, mas a avaliação que o sujeito faz da situação.

Circunstâncias indutoras de stress

Segundo Hill (1958) uma situação indutora de *stress* familiar é toda aquela situação que seja nova, para qual a família não está preparada e constitui um problema. Estas

modificações podem vir a alterar o sistema familiar, na sua forma de interação, valores e finalidades (McCubbin & Patterson, 1982, cit in. Vaz Serra, 1999)

As situações indutoras de *stress* podem ser os acontecimentos traumáticos, os acontecimentos significativos ao longo da vida do sujeito, as situações crónicas indutoras de *stress*, os microindutores de *stress*, os macroindutores de *stress*, os acontecimentos desejados que não se realizam e os traumas que ocorrem no estágio de desenvolvimento. (Vaz Serra, 1999)

Os acontecimentos traumáticos referem-se aos acontecimentos graves, como por exemplo, ser vítima de um terramoto, incêndio, espancamento, ameaça de morte.

Os acontecimentos significativos de vida do sujeito referem-se às situações que ocorrem de repente na vida da pessoa como um divórcio, a saída de um filho de casa, a morte do cônjuge ou de um familiar mais chegado (Vaz Serra, 1999, p. 33-36).

As situações crónicas indutoras de *stress* referem-se aos problemas perturbadores que sabemos quando se inicia mas não se sabe quando termina. O problema é permanente na vida do indivíduo e tem implicações no desempenho diário do mesmo, daí a sua vertente crónica. Por exemplo, ter frequentemente uma tarefa a realizar com um prazo limite. (Vaz Serra, 1999, p. 36)

Existem os micro indutores de *stress*, que correspondem aos pequenos acontecimentos de vida do quotidiano, que acumulados acabam por ser incomodativos e indutores de *stress* (p. ex.: estar parado numa fila de trânsito) e os macro indutores de *stress*, que correspondem aos acontecimentos referentes ao funcionamento do sistema social (p. ex.: prevalência elevada de desemprego, períodos económicos de recessão) (Vaz Serra, 1999, p. 37-41).

Existem ainda os acontecimentos desejados que não ocorreram, que correspondem aos acontecimentos que o indivíduo gostava que acontecessem, mas não tem recursos para conseguir atingir o objetivo. Por exemplo: os casos de infertilidade.

Por último, Vaz Serra refere ainda aos traumas ocorridos no estágio de desenvolvimento que se referem às circunstâncias ocorridas durante a infância e que podem conduzir a consequências negativas para a vida do sujeito, quando adulto (p. ex.: vítima de maus tratos, conflitos entre os pais, privação económica.) (Vaz Serra, 1999, p. 43)

Estratégias para lidar com o *stress*

As estratégias para lidar com o *stress*, corresponde às estratégias que são utilizadas pelo sujeito para lidar com as ocorrências indutoras de *stress* (Vaz Serra, 1999, p. 365).

A forma como cada individuo lida com uma situação causadora de *stress* depende dos recursos sociais (rede social em que o individuo está inserido, capacidade económica, tipos de relações com amigos e familiares, saúde física) e dos recursos pessoais (experiência que o individuo tem adquirida na resolução de crises anteriores, autoconfiança, aptidões para resolver problemas, capacidade que o individuo tem para enfrentar o problema) (Vaz Serra, 1999, p. 393).

As estratégias para lidar com o *stress* podem ser focadas no problema, nas emoções ou na interação social. As estratégias focadas no problema são utilizadas quando o *stress* é percecionado pelo individuo como pouco intenso e que a situação está controlada e de fácil resolução. Tudo depende das aptidões, dos recursos pessoais e sociais de cada individuo. O que para uns é fácil de resolver, para outros torna-se num grande desafio. (Vaz Serra, 2005)

Quando o *stress* é sentido pelo sujeito como mais grave e de difícil resolução recorre ao controlo das emoções, isto é, utiliza estratégias que lhe permitam lidar com as emoções de forma a ter controlo da situação, por exemplo: falar com alguém sobre o problema, fazer exercício físico, relaxamento ou então adotar comportamentos menos saudáveis como o fumar, beber bebidas alcoólicas, comer em excesso, consumir drogas. (Vaz Serra, 2005)

Por último, existem as estratégias de interação social. Estas dependem dos recursos sociais e pessoais de cada individuo.

Síntese

Quando surge uma situação que inclui mudança, há a necessidade do individuo se adaptar a esta. Contudo, é a maneira como ele percebe essa alteração que irá determinar o seu modo de agir. Se a perceção for favorável, a mudança decorre sem grandes conflitos, porém, se a modificação é percebida como prejudicial, ou seja, se ultrapassa os recursos do sujeito, o organismo irá reagir através de uma variedade de respostas fisiológicas.

O *stress* evoca no ser humano vários tipos de respostas: de natureza biológica, cognitiva, comportamento observável e emocional. As estratégias para lidar com o *stress* são usualmente designadas por *coping*. Podem ser orientadas para a resolução do problema, para o controlo da emoção ou para aspetos do relacionamento com pessoas da rede social a que o sujeito pertence (Vaz Serra, 2005, p.29)

Para finalizar, o *stress* nem sempre é negativo, se as estratégias forem adequadas o indivíduo deixa de estar em *stress*, caso não sejam adequadas, o *stress* é mantido e torna-se desgastante para o indivíduo. (Vaz Serra, 2005, p. 29)

Capítulo II: Família e Parentalidade

Neste capítulo definem-se os conceitos família, parentalidade e *stress* parental. Analisam-se algumas características do *stress* parental em pais de crianças em idade escolar.

Família

A família é um sistema de relações entre sujeitos para a elaboração e aprendizagem significativas de interação: os contactos corporais, a linguagem, a comunicação, as relações interpessoais. (Alarcão, 2006)

Ser pai e ser mãe na nossa sociedade não é tarefa fácil. Devido às condições económicas, à emancipação da mulher e às mudanças do conceito de família, o tempo que os pais dedicam aos filhos é cada vez menor.

Alarcão (2000) refere que um sistema familiar está sujeito a dois tipos de pressão interna que se refere às mudanças “inerentes ao desenvolvimento dos membros da família e dos seus subsistemas” e a externa que se relaciona com as “exigências de adaptação dos membros às instituições sociais que sobre eles têm influencia”. (p.91)

Qualquer uma das pressões vai provocar alterações no sistema familiar, de forma a que o mesmo consiga-se adaptar às mudanças e restabelecer um novo equilíbrio.

Sinais de *stress* na família

Segundo Minuchin (1979, cit in Alarcão, 2000) existem quatro fontes de *stress* a que um sistema familiar pode estar presente: contacto de um membro da família com uma fonte de *stress* extrafamiliar (problemas no emprego), contacto de toda a família com uma fonte de *stress* extrafamiliar (desemprego de um dos membros), *stress* relativo aos períodos de transição do ciclo vital da família (nascimento de um filho) e *stress* provocado por problemas particulares (aparecimento de uma doença - cancro). (p.91-93)

Em todas as situações acima referenciadas a família “tem de reorganizar os seus padrões transacionais para poder responder funcionalmente ao *stress* provocado por estas situações” (Alarcão, 2000, p. 93)

Mas existem outros sinais, segundo Vaz Serra (1999) que podem ser considerados como indicadores de *stress* intrafamiliar como: as crianças roerem as unhas, episódios de enurese para além dos seis anos, dificuldades escolares, a presença ou ausência total de discussões constantes entre pais e filhos, aparecimento constante de doenças físicas como é

o caso das dores de estômago ou cabeça, constipações e cólicas intestinais, entre outros problemas.

Parentalidade

O *stress* pode surgir em qualquer altura da vida do indivíduo. Tornar-se pai ou mãe implica haver uma mudança na vida dos sujeitos mesmo antes da criança nascer.

Daly (2007) considera a parentalidade como “um processo que envolve um conjunto de ajustamentos a vários níveis como intelectual, emocional e material que permitam ao adulto a capacidade de se tornarem pais”, ou seja, terem capacidades de conseguir responder às necessidades da criança nos atributos físicos, emocionais, intelectuais e sociais.

Cruz (2005) refere que a parentalidade é o “conjunto de ações encetadas, pelas figuras parentais juntos dos filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para isso os recursos de que dispõe dentro da família e fora dela, na comunidade” (p.13).

A mesma autora refere ainda que a parentalidade tem sido analisada ao longo do tempo, em “função das características da criança (idade, sexo, temperamento, domínios de desenvolvimento ou problemas psicopatológicos específicos), em função das características dos pais (género, classe social, qualidade da relação conjugal) e dos fatores contextuais extrafamiliares” (p. 13).

Serem pais responsivos é serem pais capazes de responderem adequadamente às necessidades emocionais e de afeto da criança (Cruz & Ducharme, 2006)

O conceito parentalidade abrange um conjunto de tarefas intensivas a longo prazo, dirigidas à satisfação das necessidades físicas, materiais, sociais e relacionais da criança. (Oliveira, Pedrosa & Canavarro, 2005)

Funções da Parentalidade

Após se definir o conceito parentalidade, achamos pertinente sintetizar quais são as funções da parentalidade. Primeiro satisfazer as necessidades básicas da criança, disponibilizar à criança um mundo físico organizado e previsível com espaço, objetos e tempos que possibilitem a existência de rotinas; segundo responder às necessidades de compreensão cognitiva das realidades extrafamiliares; terceiro satisfazer as necessidades de afeto, confiança e segurança, e por último responder às necessidades de interação social

da criança (Bornstein, 2002a; Palacio & Rodrigo, 1998; Park & Buriel, 1998, cit in Cruz, 2005, p. 14-15).

Síntese

Ser pai e ser mãe na nossa sociedade não é tarefa fácil devido às mudanças do conceito de família, e ao facto de o tempo que os pais dedicam aos filhos ser cada vez menor.

Viver em família implica haver um ajustamento progressivo, em que cada qual se deve poder sentir à vontade para comunicar os seus sentimentos, ideias e preferências e esteja igualmente predisposto a ouvir os outros (Vaz Serra, 2005)

O papel parental implica haver determinadas responsabilidades que obrigam os pais a terem de saber lidar com elas. Saber responder às necessidades da criança (emocionais e afetivas) é saberem ser pais responsivos.

Capítulo III Stress Parental

Stress Parental

Segundo Deater-Deckard (2004) o *stress* parental pode ser definido como “um conjunto de processos que conduzem a reações psicológicas e fisiológicas adversas decorrentes das tentativas de adaptação às exigências da parentalidade”.(p.6)¹

Segundo Vaz Serra (1999) existem vários indicadores que demonstram a tensão intrafamiliar desde sintomas observados nas crianças (roerem as unhas, gaguejarem, enurese para além dos seis anos, apresentarem dificuldades escolares e birras com frequência) como já foi referenciado anteriormente, nos pais (discussões entre pais e filhos que levantam problemas, mas em que depois as conversas não são mantidas por tempo suficiente até se encontrar uma solução), por vezes as famílias parecem não ter problemas visíveis, nem têm discussões ou confrontos entre os elementos.

Um outro sinal de *stress* é a tomada de decisão, por vezes parece que não parte de ninguém em especial. Por vezes encontram-se famílias onde o ambiente familiar é pouco tranquilo, onde surgem conflitos e desacordos. (Vaz Serra, 1999, p.541)

Um outro indicador de *stress* na família é a vida conjugal a vida sexual insatisfatória dos pais que pode levar a ligações extramatrimoniais ou simplesmente, deixam-se absorver demasiado pelo trabalho ou pelos entretenimentos. Nesta situação o estado de tensão familiar torna-se mais evidente nos horários de refeição da família. (Vaz Serra, 1999, p.541)

Stress parental e suas relações

Com a grande dificuldade em encontrar estudo sobre esta temática considerou-se pertinente fazer referência a outros estudos onde os níveis de *stress* parental estão mais evidenciados e que os resultados possam ir ao encontro dos resultados obtidos neste estudo.

Hadadian e Merbler (1996) verificaram que o *stress* parental contribui para uma relação mãe-criança positiva, pois quanto maior os níveis de vinculação segura na criança menores são os problemas sentidos pelas mães no domínio da criança.

¹“Parenting stress can be defined succinctly as a set of processes that lead to aversive psychological and physiological reactions arising from attempts to adapt to the demands of parenthood. (Deater-Deckard, 2004, p.6)

O estado civil pode ter influência no *stress* parental, pois os pais solteiros vivenciam maiores níveis de *stress* do que os pais casados num estudo realizado com pais de jovens delinquentes. (Caldwell, Horne, Davidson & Quinn, 2006).

Uma investigação realizada por Costa (2011) sobre quais os indutores do *stress* parental, teve como um dos objetivos perceber se quando é verificado um maior *stress* de vida, também se verifica um maior *stress* parental e avaliar se o *stress* parental pode variar conforme o ano de escolaridade em que a criança se encontra. Maioritariamente os questionários foram preenchidos pelas mães. Concluíram uma correlação positiva entre os *stress* de vida e o *stress* parental, ou seja, há medida que um aumenta o outro também aumenta e quando um diminui o outro também diminui. Concluíram também, que o ano de escolaridade que a criança frequenta não influencia o *stress* parental.

Moreira (2010) pretendeu analisar a relação entre o *stress* e a satisfação com o suporte social nos pais de crianças com PHDA num grupo de 110 pais/mães de crianças com PHDA. Verificou que à medida que o suporte social aumenta, os níveis de *stress* diminuem, a perceção de *stress* está relacionada com a idade da figura parental, ou seja, à medida que aumenta a idade da figura parental, aumentam os níveis de *stress*.

Seguindo o fator suporte social, Pearson e Chan (1993) com o objetivo de verificar a relação entre o *stress* parental e o suporte social numa amostra aleatória de 100 mães de crianças com dificuldades de aprendizagem comparando com um grupo de 75 mães de crianças sem dificuldades de aprendizagem. Verificaram que o grupo de mães de crianças com dificuldades de aprendizagem, apresentam maiores níveis de *stress* parental e menores níveis de suporte social comparando com o grupo de controlo. Encontraram também que o grupo de controlo apresentava elevado nível de *stress*. No entanto, não encontraram correlação significativa entre o *stress* parental total e o suporte social.

Um estudo realizado por Baltazar (2009) teve como objetivos de verificar se existem diferenças no *stress* parental experimentado por mães de crianças com enurese e por mães de crianças com encoprese comparando com mães de crianças sem problemas, exploração da relação entre *stress* parental e variáveis quer sócio-demográficas, quer relativas ao problema da criança (enurese/encoprese). Verificou que as mães de crianças com encoprese e enurese apresentam níveis mais elevados de *stress* decorrente de características da criança e dos pais.

Num estudo realizado por Santos (2002), teve como objetivo avaliar as características do *stress* parental experimentado por 54 mães de crianças com/sem Síndrome Nefrótica distribuídas por dois grupos (Com síndrome Nefrótica/sem Síndrome

Nefrótico) verificaram que as mães de crianças com a doença apresentavam níveis mais elevados de *stress* parental verificando-se como fontes de *stress* as exigências e pressões que a criança coloca nas suas vidas, o isolamento social, a depressão em função do papel parental e ainda alguma insatisfação com o apoio recebido dos maridos.

Síntese

Como se pode verificar, a maior parte dos estudos realizados até agora com o *stress* parental consistiram na sua relação com outros fatores direcionados à criança.

Verifica-se que está ligado às exigências da parentalidade. Se uma mãe não consegue dar resposta às necessidades da criança, vê o filho como um desafio e daí resultar em elevados níveis de *stress*.

O ambiente familiar é importante para um bom desenvolvimento da criança. quando este é estimulador, verifica-se a existência de mães que conseguem dar respostas às exigências e necessidades da criança.

Capítulo IV: Desempenho Académico

O desempenho escolar depende de vários fatores desde as características da escola (físicas, pedagógicas, qualificação do professor), da família (nível escolar dos pais, presença dos pais e interação destes com a escola) e da própria criança. (Araújo, 2002)

A entrada para a escola primária representa uma mudança tanto para a criança como para a família. Para a criança implica haver uma maior autonomia e uma aproximação ao mundo e ao poder dos adultos. Para a família é um desafio no que respeita à capacidade que esta tem para ajudar a criança a adaptar-se e a socializar-se com outros adultos (professores e auxiliares) e outras crianças (colegas), assim como a sua progressão nos resultados escolares. (Alarcão, 2000)

Com a entrada para a escola há um conjunto de mudanças no sistema familiar ao qual este terá de se adaptar como os “horários da criança” (refeições, sono, estudo e lazer) e no “exercício do papel parental” como quem estuda com a criança, quem se articula com a escola (encarregado de educação), entre outros (Alarcão, 2000, p. 157), que podem ser indutores de *stress* nos pais.

Considera-se como mau ou baixo desempenho escolar o rendimento escolar da criança esperado para determinada idade, habilidades cognitivas e escolaridade. Pode resultar de problemas emocionais (baixa autoestima, desmotivação) e preocupação familiar, para além de outros fatores individuais, familiares, escolares e sociais (Siqueira & Giannetti, 2010).

Para este estudo pediram-se os resultados das disciplinas de português e matemática às mães, pois são as disciplinas que existem ao longo de todo o percurso escolar e que são importantes em todas as outras disciplinas e para o futuro das crianças.

Desempenho académico e estudos

Alguns estudos foram utilizados recorrendo a estas disciplinas como, o de Torres e Neves (2010) que analisaram a influência das estratégias de aprendizagem e da autoeficácia académica no rendimento das duas disciplinas numa amostra de 122 alunos do 9ºano. Verificaram que a autoeficácia influencia significativamente o rendimento nas duas disciplinas, mas que as estratégias de aprendizagem não são um preditor significativo desse rendimento. Verificaram também que a relação das estratégias de aprendizagem e o rendimento a português é totalmente medida pela autoeficácia académica ao mesmo não acontece com o rendimento da matemática.

Uma pesquisa realizada por Oliveira, Boruchovict e Santos (2008) mostra-nos que o baixo rendimento escolar relaciona-se com algumas habilidades específicas que são importantes no aproveitamento escolar com a leitura numa amostra de 434 estudantes do 5º ao 8º ano. Recorreram ao teste de Cloze para avaliar a compreensão da leitura e para avaliar o desempenho recorreram às classificações escolares nas disciplinas de português e matemática. Concluíram que os alunos que apresentaram melhor compreensão na leitura apresentavam melhor desempenho escolar em ambas as disciplinas.

O ambiente familiar é condicionante para um bom desempenho escolar. Santos e Graminha (2005) pretenderam comparar as características do **ambiente familiar** de crianças com elevado e baixo rendimento académico e verificaram que as crianças com elevado rendimento académico apresentam um ambiente familiar mais estimulante para o desenvolvimento das crianças e mais ligação das mães com as reuniões escolares. A respeito da comunicação, quando existe uma boa **comunicação e interação** entre pais-criança existe uma interferência positiva no desempenho escolar (Vilanova, Rocha & Marangoni, 2011).

Um outro estudo realizado por Callahan, Rademacher e Hildreth (1998) verificaram que o **envolvimento** dos pais no acompanhamento da realização dos trabalhos de casa melhora significativamente o desempenho escolar.

Um outro estudo realizado por Zhan (2005) verificaram que as expectativas das mães com o desempenho escolar das crianças está positivamente relacionado, e que quanto maior são as expectativas das mães no desempenho da criança, mais elevados são os resultados na matemática e na leitura.

Apesar deste estudo ser analisado a partir das mães, considerou-se pertinente dar uma breve referência de que a figura paterna também têm alguma influência no desempenho escolar da criança. Vejamos, num estudo realizado por Cia, D’Affonseca & Barham (2004) para analisar o envolvimento da figura paterna com a criança sobre o desempenho escolar observaram que quanto maior é a frequência de comunicação entre pai-filho e quanto maior é o envolvimento do pai nas atividades escolares, culturais e de lazer da criança, melhor é o desempenho académico.

Vários autores referem que o **envolvimento parental** na educação dos filhos relacionam-se positivamente com o desempenho escolar dos mesmos. (Fan & Chen, 2001; Zhan, 2005, Vendrúsculo & Matsukura, 2007) e que as mães apresentam maiores níveis de envolvimento com a escola (Goldberg & Tan, 2009).

A vinculação é outro tema estudado em crianças em idade escolar. Simões, Farate e Pocinho (2012) com um dos objetivos de avaliar a relação entre a percepção materna dos estilos educativos e da qualidade do comportamento de vinculação dos filhos em idade escolar, verificaram que quanto maior for a rejeição dos pais em relação aos filhos, menor será a segurança da vinculação da criança, sendo a rejeição por parte da mãe o melhor preditor da insegurança das crianças em idade escolar, especialmente para as crianças do sexo masculino e que quanto maior for o suporte emocional dos pais maior será o impacto positivo no comportamento de vinculação da criança e melhor será o seu desenvolvimento.

Síntese

Sucintamente, o desempenho escolar engloba diversos fatores que vão desde a própria criança, passando pela família até à escola, de forma a que consiga obter bons resultados escolares. A entrada na escola primária é um novo desafio tanto para a criança como para os pais, assim como o último ano da escola primária (4ºano) que será um pequeno passo para a entrada no segundo ciclo.

Verificou-se que existem vários fatores nos estudos analisados que influenciam o desempenho escolar da criança dando mais ênfase ao papel do envolvimento dos pais.

Capítulo V: Stress Parental e Desempenho académico

Com a dificuldade em encontrar estudos que relacionem o *stress* parental com o desempenho escolar encontrou-se este estudo realizado por Rogers, Wiener, Marton e Tannock (2009) com o objetivo de investigar o papel do *stress* parental, o estilo do envolvimento parental e os sintomas de défice de atenção/transtorno de hiperatividade (THDA) na predição de desempenho académico em crianças de 8 a 12 anos de idade. Estes autores referenciaram-se pelo *The family-School Relationships Model*, e compararam os efeitos do estilo de controlo versus estilo de apoio no envolvimento dos pais em relação à aprendizagem das crianças. Os resultados revelaram que altos níveis de *stress* nos pais foram associados com o maior uso de estratégias de controlo sobre a aprendizagem das crianças, enquanto os menores níveis, foram associados a um estilo de envolvimento de apoio. O estilo parental de controlo foi associado com taxas elevadas de THDA e menor rendimento escolar, enquanto que o estilo parental de apoio foi associado com menores taxas de THDA e maior rendimento escolar. Este estudo mostra o risco combinado de *stress* parental, estilo de envolvimento de controlo dos pais e comportamentos desatentos das crianças no fraco desempenho académico.

Baseando-nos na relação entre o *stress* parental e a variável sociodemográfica em dois estudos verificamos que o *stress* parental influencia negativamente o desempenho escolar. No estudo de Santos (2008) comprova que mães de crianças com THDA apresentam piores níveis de saúde devido às características da criança, supondo-se que estas mães têm dificuldades de arranjar estratégias para lidar com os filhos. Também verificou que o reforço aos pais está condicionado, obtendo mães que consideram que os filhos não são uma fonte de reforço positivo (Reforço aos pais) na sua interação com a criança e sentem mais dificuldades em aceitar as características específicas da criança (Aceitação). Estas mães apresentam elevados níveis de *stress* e as crianças um baixo desempenho escolar das crianças.

Na mesma linha da hiperatividade, Santos (2011) correlacionou o *stress* parental com o aproveitamento escolar nas crianças e obteve correlações significativas entre o aproveitamento e a subescala aceitação, sentido de competência e restrição de papel, ou seja, verificou que as mães de crianças com hiperatividade naquela amostra sentem mais dificuldades em aceitar as características da criança, sentem-se menos competentes na

realização do papel parental, sentem que a sua vida é controlada pelas necessidades da criança e que o aproveitamento é baixo quando os níveis de *stress* são elevados.

Um estudo realizado por Wilkinson e Marshall (2007) para analisar o *stress* parental em pais de crianças com o síndrome de Tourette verificaram que estes apresentam níveis mais elevados de *stress* quando comparados com pais de crianças sem problemas e identifica que os quando o rendimento escolar das crianças diminuir, o *stress* nos pais aumenta.

Capítulo VI: Estudo empírico

Importância da investigação

Este estudo pretende demonstrar se existe relação entre o *stress* parental e o desempenho académico em crianças do primeiro e quarto ano de escolaridade. Foi realizada na Escola Básica nº1 da Boavista em Rio Tinto, em quatro turmas do primeiro e quarto ano.

Pretende-se com este estudo verificar se realmente os pais com elevados ou baixos níveis de *stress* têm alguma influência no desempenho escolar dos filhos.

Objetivos

Objetivos gerais

Verificar se o *stress* parental influencia o desempenho escolar nas disciplinas de português e matemática da criança

Objetivos específicos

Avaliar o *stress* parental em mães de crianças que frequentam o primeiro e o quarto ano de escolaridade.

Analisar o desempenho escolar das crianças nas disciplinas de Português e Matemática no primeiro e quarto ano.

Verificar se existe relação entre o *stress* parental das mães e os resultados académicos das crianças em Português e Matemática.

Verificar se existe relação entre o *stress* de vida e o *stress* parental

Verificar se existe relação entre o *stress* de vida e o desempenho escolar das crianças

Verificar se existe relação entre o *stress* parental e as variáveis sociodemográficas.

Com este enquadramento teórico, surge a questão fundamental:

Será que o *stress* parental tem influência no desempenho escolar das crianças?

Hipóteses

Hipótese 1: Existe relação entre o *stress* parental e o desempenho escolar das crianças.

Hipótese 2: Existe relação entre o *stress* de vida e o desempenho escolar das crianças.

Hipótese 3: existe relação entre os resultados encontrados no domínio da criança e no domínio dos pais.

Hipótese 4: existe relação entre o *stress* de vida e o *stress* parental

Variáveis

Como este estudo recorre ao método correlacional, a variável independente (VI) é considerada uma variável “*preditora*”(VP) pois, pretende-se meramente analisar as relações entre variáveis. (Almeida & Freire, 2008, p.55).

Como não pode haver manipulação da variável independente, neste tipo de estudo (correlacional) a variável dependente (VD) é considerada como variável *critério* (VC).

Então:

- VI's (VP) - *stress* parental, domínio da criança, domínio dos pais, *stress* de vida.
- VD (VC) - Desempenho académico

Metodologia

A modalidade de investigação neste estudo é a quantitativo-correlacional, voltada para a compreensão e a predição de fenómenos através da formulação de hipóteses sobre as relações entre variáveis. (Almeida & Freire, 2008, p. 26)

O método de estudo utilizado é do tipo correlacional, pois permite descrever fenómenos através das relações entre variáveis mas, no entanto, não consegue determinar um significado de causalidade ao nível dessas relações. (Almeida & Freire, 2008, p. 107)

Amostra

Caracterização das mães

Este estudo recorreu ao tipo de amostragem por conveniência. Os questionários foram preenchidos por 50 mães de crianças que frequentam o primeiro e o quarto ano de escolaridade.

Os dados foram recolhidos na Escola Básica nº1 da Boavista (Rio Tinto, Porto) em quatro turmas: duas do primeiro e duas do quarto ano de escolaridade, escolhidas aleatoriamente.

No que se refere às idades das mães a média de idades é 36,68 anos, sendo que a idade mínima é de 27 e a máxima é de 51 anos.

Tabela 1 *Idade das Mães*

	N	M	DP	Min.	Máx.
Idades Mães	50	36.68	4.74	27	51

Nesta amostra 46.0% das mães têm idade entre os 36-40 anos (N=23), 28.0% têm entre 31-35 anos (N=14), 16.0% apresentam idade entre os 41-45 anos (N=8), 8.0% têm idade entre os 26-30 anos (N=4) e 2.0% têm idade entre os 51 ou mais anos (N=1).

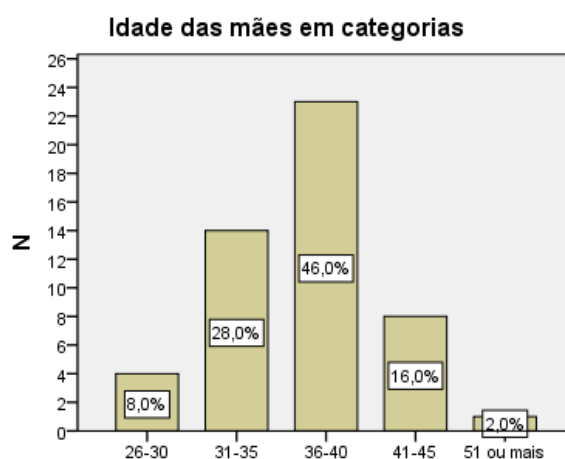


Gráfico 1 - Idade das mães em categorias

Quanto ao **estado civil**, a maior parte das mães são casadas ou vivem em união de facto 88.0% (N=44) havendo 6.0% solteiras (N=3) e 6.0% divorciadas (N=3).

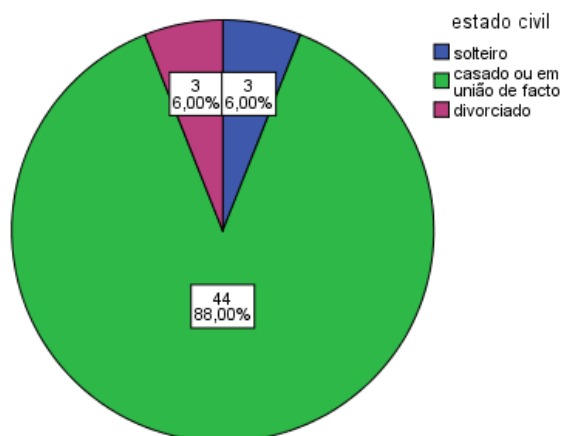


Gráfico 2 – Estado Civil das mães

Quanto à **escolaridade** das mães, 36% têm o 12º ano (N= 18), 24% têm o 9º ano (N=12), 14% são licenciadas (N=7), 6% têm o 6ºano (N=3), 4% têm a escolaridade primária (N=2) e 2% têm o 7º (N=1), 8º (N=1) e o Bacharelato (N=1).

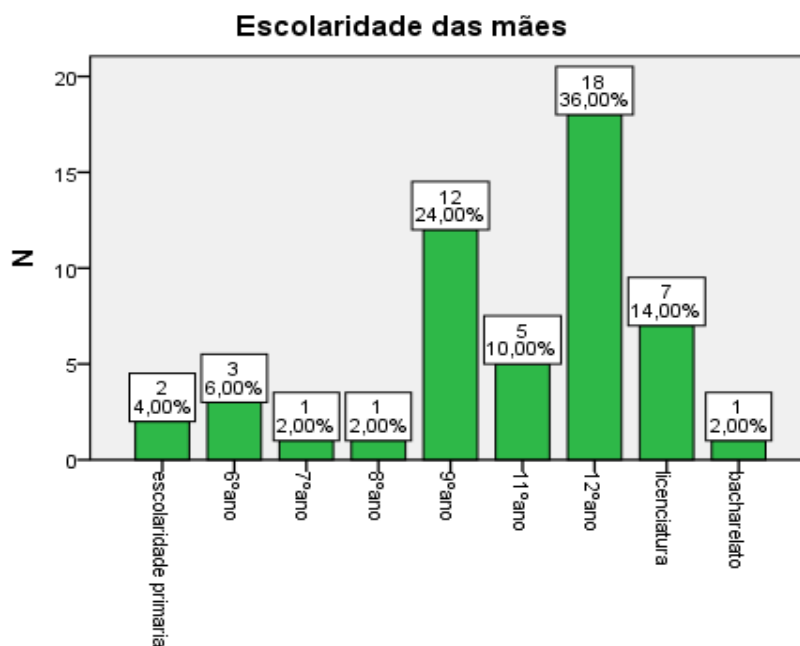


Gráfico 3 – Escolaridade das mães

Quanto à **situação profissional** a maior parte das mães estão empregadas 80% (N=40) sendo 20% desempregadas (N=10).

Tabela 2 *Situação profissional*

	N (%)
Empregado	40 (80.0)
Desempregado	10 (20.0)
Total	50 (100.0)

Caracterização das crianças

A **idade** das crianças nesta amostra varia entre os 6 e os 11 (ou mais) anos, 32% das crianças têm 6 (N=16) e 9 anos (N=16), 20% têm 7 (N=10), 10% 10 anos (N=5), 4% 11 ou mais anos (N=2) e 2% têm 8 anos (N=1).

Tabela 3 *Idade das Crianças*

	N	(%)
6	16	32.0
7	10	20.0
8	1	2.0
9	16	32.0
10	5	10.0
11	2	4.0
Total	50	100.0

Esta amostra é constituída maioritariamente por raparigas, 30 (60,0%) e 20 rapazes (40,0%).

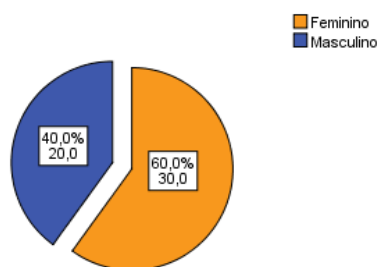


Gráfico 4 – género da criança

No conjunto das crianças 48% são do primeiro ano (N=24) e 52% são do quarto ano (N=26).

Tabela 4 *Ano de escolaridade das crianças*

	N (%)
Primeiro ano	24 (48.0)
Quarto ano	26 (52.0)
Total	50 (100.0)

Instrumentos

Nesta investigação recorreu-se à utilização de um questionário sociodemográfico e do instrumento *Índice de Stress Parental* (PSI) (Abidin & Santos, 2003).

O questionário sociodemográfico foi elaborado com a finalidade de obter informação acerca da amostra. Pretendeu-se obter informação acerca da criança: idade, ano escolar (1ºano ou 4ºano), classificações académicas a Língua Portuguesa e a Matemática visto serem as disciplinas mais relevantes na escolaridade primária.

No caso da informação sobre a mãe pretendeu-se saber a idade, estado civil, profissão, situação de emprego, nível de escolaridade, número de filhos e profissão.

O instrumento utilizado foi o *Índice de Stress Parental* (PSI) de Abidin (2003) criada a primeira edição em 1976. Foi aferida à população portuguesa por Abidin e Santos em 1992.

Este instrumento tem por objetivo avaliar dois domínios principais que representam fontes de *stress* na relação pais-filhos: características da criança (Domínio da criança) e características da figura parental (Domínio dos pais). Integra ainda uma escala de *stress* de vida que faculta informação sobre o *stress* de vida situacional experienciado pelos pais. (Abidin & Santos, 2003)

Este instrumento é composto por 132 itens sendo 24 os itens da escala opcional *stress* de vida.

O **domínio da criança** integra várias subescalas que permitem avaliar aspetos do temperamento da criança e as perceções que os pais têm do impacto das características da mesma neles próprios. (Santos, 2003)

As subescalas referentes ao temperamento da criança são:

- Maleabilidade de adaptação que avalia a maior ou menor facilidade com que a criança lida com a mudança e com as transições. As dificuldades apresentadas são a teimosia, dificuldade em desistir do que está a fazer e desobediência passiva. Consideram-se como comportamentos de evitamento. (Abidin & Santos, 2003)
- Exigência permite avaliar a pressão direta que a criança exerce sobre os pais. Quando a figura parental lida com estas características da criança geradoras de *stress*, é muitas vezes confrontada com atos de agressão, exigências de atenção, préstimos, entre outros. (Abidin & Santos, 2003)
- No que se refere à subescala Humor, as características da criança geradoras de *stress* aos pais, estão sobretudo relacionadas com o choro excessivo, o retraimento e a depressão. Estas são desencadeadoras de ansiedade ou ira na figura parental. (Abidin & Santos, 2003)
- Os fatores de *stress* associados à subescala Hiperatividade/Distração provocam um desgaste de energia parental o que requer uma boa gestão e manutenção de uma vigilância elevada por parte dos pais. (Abidin & Santos, 2003)

As subescalas do tipo interativo que dizem respeito às expectativas dos pais face à criança são:

- Aceitação é a subescala que aborda até que ponto a criança satisfaz as expectativas que os pais tinham face a ela, foca aspetos da criança que são considerados socialmente desejados.
- O reforço aos pais representa o grau pelo qual a interação pais-criança resulta para os pais, numa reposta afetiva positiva. É um componente do processo de vinculação com a criança e desenvolve-se em função, quer dos sinais que ela emite, quer da capacidade dos pais para compreenderem de forma precisa esses sinais. Esta interação é importante na motivação parental para a continuidade da responsabilidade das funções parentais. (Abidin & Santos, 2003)

No **domínio parental** as subescalas avaliam algumas características pessoais dos pais e variáveis do contexto familiar que influenciam a habilidade para responder adequadamente às tarefas e exigências associadas com o ser-se mãe/pai.

As três subescalas referentes à personalidade e patologia da figura parental são descritas de seguida:

- Depressão que avalia até que ponto está prejudicada a disponibilidade emocional da figura parental face à criança e em que medida a energia emocional e física dos pais está comprometida. Também capta o impacto da culpa na figura parental.
- A subescala sentido de competência permite avaliar a perceção que os pais têm sobre a sua função parental e a capacidade que sentem ter para esse cargo.
- E a subescala Vinculação que avalia o investimento intrínseco que a figura parental tem no seu papel como mãe/pai.

As subescalas situacionais são:

- A relação marido/mulher permite avaliar o apoio físico e emocional que é facultado na relação parental e o nível de conflito na relação.
- Na subescala isolamento social avalia o isolamento social dos pais e a disponibilidade do apoio social para o desempenho do papel parental.
- A subescala saúde avalia o impacto do estado de saúde física dos pais na sua capacidade para satisfazer as exigências associadas com o papel parental.
- A subescala restrição do papel refere-se ao impacto do ser-se mãe/pai na liberdade pessoal e avalia o impacto negativo, perdas e ressentimentos associados com a percepção parental de abandono de papéis importantes na sua vida.

Por fim, a escala stress de vida foi colocado no instrumento como medida opcional visto avaliar fatores de *stress* situacional que moderam ou exacerbam o *stress* no funcionamento dos pais. As características pessoais dos pais relacionadas com o *stress* parental são influenciadas por fatores de *stress* situacional (desemprego, morte de um familiar, entre outros). Níveis elevados de *stress* de vida podem dificultar a tarefa parental aumentando o potencial para problemas de interação dentro da própria família. (Abidin & Santos, 2003)

Procedimentos

O procedimento relativo ao desenvolvimento da investigação processou-se por diversas fases. A primeira etapa consistiu em ir ao Agrupamento de Escolas de Rio Tinto, nº2 pedir autorização para realizar uma investigação numa das escolas primárias do agrupamento. (Anexo1) Após a autorização do Agrupamento, seguiu-se o pedido de autorização na Escola Básica nº1 da Boavista. (Anexo2)

Com a autorização final cedida pela instituição e com a ajuda dos professores foi entregue o consentimento informado (Anexo3) às mães juntamente com o questionário

sociodemográfico (Anexo 4) e o *Índice de Stress Parental* (Anexo5) onde estão descritos os principais objetivos do estudo, a confidencialidade e o anonimato, assim como a condição de voluntariado para a participação no estudo. O *Índice de Stress Parental* foi administrado sob a forma autoadministrada para as mães poderem responder em casa refletindo sobre as questões com a menor pressão possível e em maior privacidade.

Para o tratamento dos dados ao nível estatístico recorreu-se ao programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 20.0.

Critérios de inclusão e exclusão

Este estudo teve como critérios de inclusão:

- Os consentimentos informados das escolas para a realização do estudo.
- Os consentimentos informados das mães para o tratamento dos dados.
- As crianças terem idades entre os 6 e os 12 anos
- As crianças frequentarem o primeiro e o quarto ano

Como critérios de exclusão:

- Não fazem parte da amostra crianças com deficiência mental ou alguma psicopatologia.
- Foram excluídos os questionários cujas respostas estavam incompletas.

Capítulo VII Resultados

Para os resultados, os dados obtidos através do questionário sociodemográfico e do Índice de *Stress Parental* foram inseridos no programa estatístico SPSS. Inicia-se com os resultados obtidos no PSI seguido das relações entre as variáveis do estudo.

Resultados aos itens do Índice de *stress Parental* (Abidin & Santos, 2003)

Na tabela 5 estão representados os resultados dos itens da escala, demonstrando as medidas descritivas: média, desvio padrão, mínimo e máximo para **avaliar o *stress parental* em mães de crianças que frequentam o primeiro e o quarto ano de escolaridade.**

Tabela 5 *Frequências dos itens da escala*

Item	Itens do PSI	M	DP	Min.	Máx.
1	Quando ele quer alguma coisa nao desiste ate conseguir	2,62	1,338	1	5
2	É tão irrequieto que me esgota	3,38	1,369	1	5
3	Parece descontrolado e distraí-se por tudo e por nada	3,32	1,491	1	5
4	Comparando-o com outras crianças. acho que tem mais dificuldade do que elas em se concentrar e prestar atenção	3,46	1,446	1	5
5	Entretém-se sozinho com os seus brinquedos	1,92	1,243	1	5
6	Afasta-se de nós. sem que saibamos para onde. mais do que eu esperava	4,52	,909	1	5
7	É mais mexido do que esperava que fosse	3,18	1,335	1	5
8	É fácil de convencer quando lhe negamos alguma coisa	2,86	1,278	1	5
9	Raramente me faz coisas que me deixem contente	4,28	1,196	1	5
10	Em geral sinto que gosta de mim	1,36	1,045	1	5
11	Por vezes sinto que gosta de mim e que não gosta de estar comigo	4,76	,744	1	5
12	Ri-se para mim menos do que esperava	4,58	,810	2	5
13	Quando trato das coisas para ele tenho a sensação de que o meu esforço não é muito apreciado	4,18	1,004	1	5

14	Qual das frases descreve melhor a criança?	1,20	,670	1	5
15	Implica ou chora:	2,48	1,182	1	4
16	Parece implicar e / ou chorar mais do que a maior parte das crianças	4,24	,797	1	5
17	Geralmente acorda de mau humor	4,28	1,031	2	5
18	Está muitas vezes mal disposto e descontrola-se com facilidade	4,40	,782	1	5
19	É mais desobediente do que as outras crianças	4,28	,882	2	5
20	Tem um aspeto físico um pouco diferente do que eu esperava e isso às vezes custa-me	4,86	,351	1	5
21	Em algumas coisas parece ter esquecido o que aprendeu e comporta-se como uma criança mais pequena	3,24	1,347	4	5
22	Parece ter mais dificuldade em aprender do que maior parte das crianças	4,16	1,149	1	5
23	Parece ser menos sorridente do que a maior parte das crianças	4,72	,701	1	5
24	Faz coisas que me aborrecem muito	3,74	1,291	2	5
25	Não é tão capaz e desembaraçado quanto eu esperava	3,92	1,243	1	5
26	Não gosta muito que lhe façam festas nem beijos e abraços	4,48	,886	2	5
27	Quando voltou da maternidade tive dúvidas acerca da minha capacidade para cuidar dele	4,24	1,117	2	5
28	Criar um filho é mais difícil do que eu julgava	3,12	1,452	1	5
29	Quando estávamos à espera desta criança tivemos muitos problemas	4,34	1,154	1	5
30	Quando estou a cuidar dele ou de coisas para ele sinto-me à vontade e realizada como pessoa	1,40	,707	1	5
31	Sempre há alterações de horário ou mudanças no lugar das coisas. ele tem bastante dificuldade em se habituar	4,14	1,010	1	5
32	Reage intensamente quando acontece alguma coisa que lhe desagrade	2,72	1,144	1	5
33	Deixá-lo ao cuidado de outra pessoa. mesmo sendo conhecida. é um problema	3,94	1,132	1	5
34	Descontrola-se com a mais pequena coisa	4,10	,953	1	5
35	Repara em tudo e assusta-se com facilidade	3,60	1,245	2	5
36	Quando era pequeno foi difícil estabelecer horários regulares para comer e dormir	4,11	1,022	1	5
37	Geralmente evita um brinquedo novo durante algum tempo antes de começar a brincar com ele	4,74	,443	1	5
38	É difícil habituar-se a coisas ou a situações novas e leva muito tempo a consegui-lo	4,22	,887	4	5
39	Não fica à vontade quando encontra estranhos a quem. por qualquer circunstância. tem que falar	3,20	1,414	2	5
40	Parece não gostar de conviver com outras crianças	4,74	,487	1	5

41	Quando está descontrolado	1,22	,465	3	5
42	Levá-lo a fazer alguma coisa ou a interromper qualquer coisa	3,10	1,093	1	3
43	Pense cuidadosamente e conte o nº de coisas que ele faz e que o aborrecem (p.ex.chorar. brigar. interromper...)	1,64	,663	1	5
44	Faz coisas que eu não suporto	3,74	1,103	1	3
45	Tem tido mais problemas de saúde do que eu esperava	4,54	,613	2	5
	À medida que vai crescendo e se vai tornando mais independente. sinto cada vez mais receio de que ele possa	2,90	1,359	2	5
46	aleijar-se ou meter-se em complicações				
47	Ele saiu-me um problema muito mais complicado do que eu esperava	4,42	1,012	1	5
48	Parece muito mais difícil cuidar do que a maior parte das crianças	4,44	,812	1	5
49	Anda sempre agarrado a mim	2,50	1,216	2	5
50	Exige mais de mim do que as crianças costumam exigir dos pais	3,70	1,035	1	5
51	Não consigo tomar decisões sem ajuda	4,36	,851	1	5
52	Tenho tido muito mais problemas em criar os filhos do que eu esperava	4,16	,912	2	5
53	Tenho prazer em ser mãe/pai	1,20	,645	2	5
	A maior parte das vezes sinto que sou bem sucedida quando procuro levá-lo a fazer (ou a não fazer) alguma	1,68	,513	1	5
54	coisa				
	Percebo que tenho mais dificuldades em cuidar desta criança desde o nascimento do meu último filho. preciso	4,28	,958	1	3
55	de ajuda				
56	Muitas vezes sinto que me desenvencilho mal das coisas que vão acontecendo	4,16	,866	2	5
57	Tenho que me controlar para não lhe estar sempre a bater (e/ou castigar)	3,72	1,341	2	5
	Quando penso em mim como mãe/pai acho que (sei lidar com qualquer coisa que aconteça, sei lidar bastante	2,30	,886	1	5
	bem com a maior parte das coisas, lido sem problemas com a maior parte das coisas, ainda que às vezes tenha				
	dúvidas, tenho dúvidas sobre a minha maneira de lidar com as coisas, não sou capaz de lidar muito bem com				
58	as coisas)				
	Sinto que (sou uma ótima mãe, sou uma mãe melhor do que a maioria, sou uma mãe igual aos outros, sou uma	1,62	,945	1	4
59	peessoa que tem alguma dificuldade em ser mãe, não sou lá muito boa mãe)				
60	Desde cedo insiste em vestir-se sozinho	2,78	1,404	1	4

61	Reclama que quer tomar banho sozinho	2,64	1,411	1	5
62	Nunca me preocupei em ensiná-lo a vestir-se e a tomar banho sozinho	3,54	1,281	1	5
63	Quer comer sozinho. mas eu prefiro ajudá-lo por ser mais rápido dar-lhe o comer à boca	4,46	,762	1	5
64	Não gosta de se vestir vigiado nas suas brincadeiras	3,28	1,089	2	5
65	Em casa. acho importante que ele se habitue a ajudar em tarefas simples	1,48	,505	1	5
66	Nunca achei muito importante que ele convivesse com outras crianças	4,78	,465	1	2
67	Gosta de brincar com outras crianças fora de casa. mas eu evito deixá-lo porque tenho medo	3,52	1,359	3	5
68	É-lhe fácil compreender o que ele deseja ou precisa	1,54	,579	1	5
69	Os pais demoram muito tempo até conseguirem sentir verdadeiramente amor pelos filhos	4,74	,527	1	3
70	Esperava ter mais afeto por ele do que realmente tenho e isso aborrece-me	4,72	,497	3	5
71	Às vezes faz coisas que me aborrecem. só por maldade	4,32	,957	3	5
72	Quando eu era mais nova/o não gostava muito de crianças	4,67	,625	2	5
73	Reconheceu-me desde muito cedo e teve preferência especial por mim	2,08	1,134	2	5
74	Neste momento acho que tenho filhos a mais	4,67	,689	1	5
75	Gasto as horas do meu dia a tratar das coisas para ele	3,84	1,028	2	5
76	Para poder responder às necessidades dos meus filhos acabo por privar-me de ter a minha própria vida	3,24	1,188	2	5
77	Sinto-me limitada por causa das minhas responsabilidades como mãe/pai	3,56	1,198	1	5
78	Sinto muitas vezes que as necessidades dele controlam a minha vida	3,44	1,232	1	5
79	Desde que esta criança nasceu nunca mais consegui fazer coisas novas e diferentes	3,84	1,095	1	5
80	Desde que esta criança nasceu sinto que não posso fazer as coisas de que gosto	3,98	,968	1	5
81	Em casa. é difícil encontrar um espaço só para mim	3,66	1,287	2	5
82	Quando penso no tipo de mãe/pai que sou. muitas vezes sinto-me culpada/o ou mal comigo mesma/o	4,30	,863	1	5
83	Acontece-me ir comprar roupa para mim e ficar descontente	3,70	1,249	2	5
	Quando ele se porta mal ou faz uma birra sinto-me responsável; é como se eu não estivesse a agir	3,80	1,125	1	5
84	corretamente				
85	Quando ele faz alguma coisa errada. sinto realmente que a culpa é minha	4,04	,880	1	5
86	Sinto-me muitas vezes culpada/o pelos sentimentos que tenho em relação a ele	4,44	,787	2	5

87	Há bastantes coisas na minha vida que me aborrecem	3,44	1,163	2	5
88	A seguir ao nascimento desta criança senti-me mais triste e deprimida/o do que esperava	4,38	,923	1	5
89	Quando me zango com ele acabo sempre por me sentir culpada/o e isso aborrece-me	3,16	1,167	2	5
90	Depois do nascimento desta criança senti-me durante algum tempo mais triste e deprimida/o do que esperava	4,34	,982	2	5
91	Depois de ele nascer. o meu marido/mulher não me deu tanta atenção e ajuda como eu esperava	4,50	,707	2	5
92	Ter filhos tem causado mais problemas do que eu esperava. no relacionamento com o meu marido/mulher	4,18	,962	2	5
93	Desde que os filhos apareceram eu e o meu marido/ mulher não fazemos tantas coisas juntos como fazíamos	3,08	1,322	2	5
94	Desde que ele nasceu eu e o meu marido/mulher não estamos tanto tempo juntos. em família. como eu esperava	4,26	,600	1	5
95	Desde que o meu último filho nasceu tenho tido menos interesse pelo sexo	3,68	1,316	2	5
96	A vinda dos filhos parece ter contribuído para aumentar o nº de problemas que temos com os sogros e familiares	4,42	,806	1	5
97	Ter filhos tem sido mais dispendioso do que eu julgava	3,02	1,169	2	5
98	Sinto-me sozinha e sem amigos	4,38	,805	1	5
99	Geralmente quando vou a uma festa não espero divertir-me	4,46	,676	1	5
100	Antes interessava-me mais o convívio com os outros do que agora	3,80	1,262	2	5
101	Sinto muitas vezes que as pessoas da minha idade não gostam especialmente da minha companhia	4,42	,835	1	5
102	Quando tenho um problema com os meus filhos conto sempre com alguém para pedir ajuda ou conselho	3,00	1,370	2	5
103	Com a vinda dos filhos tenho tido menos possibilidades de ver os meus amigos e fazer novas amizades	3,52	1,165	1	5
104	Nos últimos tempos tenho estado mais em baixo ou com mais azares do que era costume	3,56	1,343	1	5
105	Em geral sinto-me bem fisicamente	2,14	1,125	1	5
106	Com o nascimento dos meus filhos mudaram os meus hábitos de sono	2,46	1,297	1	5
107	Não aprecio as coisas como dantes	3,94	1,077	1	5
108	Desde que ele nasceu	2,90	,505	1	5
109	Mudança de residência	,74	,443	1	4
110	Promoção no emprego	,86	,351	0	1
111	Diminuição substancial do rendimento familiar	,54	,503	0	1

112	Problemas de droga ou alcoolismo	,96	,198	0	1
113	Desemprego	,70	,463	0	1
114	Divorcio	,92	,274	0	1
115	Reconciliação do casal	,94	,240	0	1
116	Casamento	,94	,240	0	1
117	Separação do casal	,90	,303	0	1
118	Ausências temporárias por motivos de trabalho	,84	,370	0	1
119	Gravidez	,80	,404	0	1
120	Nascimento de um outro filho	,82	,388	0	1
121	Uma pessoa da família mudou-se para vossa casa	,94	,240	0	1
122	O rendimento familiar aumentou substancialmente	,94	,240	0	1
123	Dividas	,76	,431	0	1
124	Morte de um amigo chegado da família	,86	,351	0	1
125	Entrada num novo emprego	,78	,418	0	1
126	Matricula ou transferência para uma nova escola	,70	,463	0	1
127	Problemas com superiores no trabalho	,98	,141	0	1
128	Problemas com professores na escola	,92	,274	0	1
129	Problemas judiciais	,90	,303	0	1
130	Doença psiquiátrica	,94	,240	0	1
131	Familiar preso	,98	,141	0	1
132	Morte de um membro da família próxima	,70	,463	0	1

Nota: M – média, DP – Desvio Padrão, Min. – valor mínimo; Máx. – valor máximo.

Na tabela o item 20 (*Tem um aspeto fisico um pouco diferente do que eu esperava e isso às vezes custa-me*) é o que apresenta o valor médio mais elevado (4,86) e o item 111 (*diminuição substancial do rendimento familiar*) é o que apresenta o valor mais baixo (0,54).

Resultados das Subescalas do PSI

Na tabela seguinte podemos verificar os resultados da média, desvio padrão, máximos e mínimos para os resultados brutos e percentis das subescalas do PSI.

Tabela 6 *Frequências das Subescalas do PSI*

Subescalas	Resultados	M	DP	Mín.	Máx.
Hiperatividade e distração	RB	20,4	5,928	10	34
	P	46,34	30,792	1	99
Reforço aos pais	RB	8,24	2,84	5	19
	P	28,8	28,685	1	99
Humor	RB	7,56	2,757	4	16
	P	33,12	28,071	1	99
Aceitação	RB	14,56	5,043	8	28
	P	37,84	29,62	1	95
Maleabilidade	RB	24,58	5,303	15	34
	P	37,28	27,651	1	85
Exigência	RB	17,58	3,791	8	24
	P	49,82	28,121	1	90
Domínio da Criança	RB	93,02	19,528	62	145
	P	38,48	6,204	14	42
Sentido de Competência	RB	23,62	6,204	14	42
	P	29,46	28,009	1	99
Vinculação	RB	10,36	2,961	7	19
	P	28,9	28,935	1	95
Restrições de Papel	RB	16,46	5,98	7	30
	P	43,84	33,23	1	99
Depressão	RB	18,36	5,594	9	35
	P	39,78	29,105	1	99
Relação Marido/Mulher	RB	15,08	4,435	7	24
	P	44,04	28,634	1	95
Isolamento Social	RB	12,14	3,214	7	22
	P	37,12	27,969	1	95
Saúde	RB	12,3	3,284	8	23
	P	46,36	27,716	10	99
Domínio dos Pais	RB	108,32	24,095	68	191
	P	35,46	29,289	1	99
Stress de Vida	RB	17,26	16,661	0	72
	P	65,56	33,404	0	99
Resposta Defensiva	RB	30,4	7,621	18	57
Autonomia	RB	17,24	3,497	9	24
Total de Stress	RB	199,34	40,82	136	316
	P	36,7	29,987	1	99
Total de Stress	RB	1,74	0,633	1	3

Qualitativo

Legenda: 1 RB – Resultados Brutos; P - Percentil

Na tabela anterior pode-se verificar que a subescala com o valor médio mais baixo é Reforço aos Pais (28,8), tendo a subescala Vinculação um valor aproximado à subescala anterior (28,9) e a subescala com o valor médio mais elevado é *Stress* de Vida (65,56). As subescalas Hiperatividade/distração e Saúde têm valores médios aproximados respetivamente (46,34; 46,36).

Análise do total de *stress* em mães de crianças que frequentam o primeiro e quarto ano de escolaridade.

Tabela 7 *Total stress qualitativo*

<i>Stress</i>	N	%
baixo	18	36.0
normal	27	54.0
alto	5	10.0

Nesta amostra a maioria das mães apresentam um nível de *stress* parental normal (N=27; 54.0%). havendo 18 (36.0%) com um nível de *stress* baixo e 5 (10.0%) apresentam níveis elevados.

Analisar o desempenho escolar das crianças nas disciplinas de Português e Matemática no primeiro e quarto ano.

Tabela 8 *Classificações de Português e Matemática*

	N	Min.	Máx.	M	DP
Classificação português	50	1	4	3.10	1.015
Classificação matemática	50	1	4	3.10	1.055

As crianças, nesta amostra, em ambas as disciplinas, apresentam um valor médio de 3,10 (DP = 1,015) o que significa que apresentam um desempenho académico bom.

Relação entre o stress parental e os resultados académicos da criança.

Para se verificar se existe relação entre o *stress* parental das mães e os resultados académicos das crianças em Português e Matemática recorreu-se à correlação de *Pearson*.

Analisando a tabela 9 pode-se verificar que existe uma correlação negativa altamente significativa entre o total de *stress* da mãe e a classificação das crianças à disciplina de português ($r = -0,445$; $p = 0,001$) e matemática ($r = -0,464$; $p = 0,001$). Isto significa que o aumento de *stress* é acompanhado por uma diminuição do valor da classificação das duas disciplinas, ou seja, quanto mais alto é o *stress* parental das mães mais baixo é o desempenho escolar das crianças ($r = -0,466$; $p = 0,001$).

Tabela 9 *Correlação entre o Total de Stress e resultados académicos*

	r	p.
Classificação português	-0,445	0,001
Classificação matemática	-0,464	
Média do desempenho	- 0,466	

Nota: r (coeficiente de correlação de Pearson); $p. \leq 0,05$

Relação entre o stress de vida e o stress parental.

Para se verificar se existe relação entre o *stress* de vida e o *stress* parental recorreu-se à correlação de *Pearson*.

Segundo os dados obtidos, a relação entre o *stress* de vida e o *stress* parental total experienciado pelas mães apresenta uma correlação positiva, mas não significativa ($r = 0,109$; $p = 0,450$), isto quer dizer que existem outros fatores que podem influenciar o *stress* parental e que não estão evidenciados neste estudo.

Tabela 10 *Stress de Vida e Stress Parental*

	r	p.
Stress de Vida	0,109	0,450
Stress Parental		

Relação entre *stress* de vida e o desempenho académico

Para verificar se existe relação entre o *stress* de vida e o desempenho escolar das crianças recorreu-se à correlação de Pearson. Nos resultados obtidos verifica-se uma correlação negativa ($r = -0,215$), mas não significativa ($P = 0,134$).

Tabela 11 *Stress de Vida e Desempenho Académico*

	r	p.
Stress de Vida		
Desempenho Académico	-0,215	0,134

Relação entre o Domínio da Criança e o Domínio da Mãe

Verifica-se que existe uma correlação positiva ($r = 0,750$) entre o domínio da criança e o domínio da mãe, sendo esta correlação altamente significativa ($p = 0,000$). Isto significa que há medida que o temperamento e as características da criança percebidas pelas mães aumentam, aumentam também as tarefas e exigências associadas ao papel parental.

Tabela 12 *Domínio da Criança e Domínio da mãe*

	r	p.
Domínio da Criança		
Domínio da mãe	0,750	0,000

Influência entre o *Stress* total das mães e o desempenho académico das crianças

Então, para verificar se existe influência entre *stress* total das mães e o desempenho académico das crianças (questão fundamental) procedemos a uma análise de regressão linear (R^2) entre a VD (média do desempenho escolar) e a VI (*stress* total das mães). Utilizamos para o efeito o método *Stepwise* (passo a passo). O resultado deu origem à equação ($R^2=0,22$; $F=13,281$; g.l. = 1; $p = 0,001$), sendo $\beta = -0,466$, o que significa que o total de *stress* da mãe explica 22% do desempenho escolar do filho e que os 78% são explicados por outras variáveis.

Índice de *Stress* Parental e Variáveis Sociodemográficas

Tendo em vista determinar se a escala PSI e as suas subescalas apresentam diferenças relativamente às variáveis sociodemográficas procedemos a uma análise de variância (ANOVA). Verificamos a existência de diferenças estatisticamente significativas em relação às variáveis seguintes:

A. Género da criança

A subescala Vinculação apresenta valores significativamente diferentes em relação ao género ($F=6,421$; g.l.= 1; $p. = 0,015$). Assim, os rapazes apresentam uma vinculação mais elevada (40,95) do que as raparigas (20,87).

B. Escolaridade da Criança

A subescala Aceitação apresenta valores significativamente diferentes em relação à escolaridade da criança ($F=6,224$; g.l.=1; $p. =0,016$). Os alunos do quarto ano apresentam um valor, nesta subescala, mais elevado (47,38) do que os alunos do primeiro ano (27,50).

A subescala Reforço aos Pais apresenta valores significativamente diferentes em relação à escolaridade da criança ($F.= 4,865$; g.l.=1; $p. =0,032$). Mães que têm filhos no quarto ano apresentam valores mais elevados nesta subescala (37,08) do que mães que têm filhos no primeiro ano (19,83).

C. Desempenho Académico

O valor total de *stress* é diferente consoante o desempenho académico das crianças ($F.=2,848$; g.l.=6; $p.=0,020$). Existe uma relação inversa na relação do valor da escala com o desempenho académico, isto é, quando uma variável aumenta a outra diminui.

A subescala Vinculação apresenta valores significativamente diferentes em relação ao desempenho académico ($F.=5,265$; g.l.=6; $p. = 0,000$). As crianças com bom desempenho escolar têm uma melhor vinculação (traduzida em valores médios nesta escala) do que as crianças com mau desempenho.

Em relação à subescala Domínio da Criança encontra-se valores significativamente diferentes em relação ao desempenho académico ($F.=4,223$; g.l.=6; $p. =0,002$). As crianças com pior desempenho escolar apresentam valores mais elevados nesta subescala o que traduz que estas crianças contribuem para o *stress* global no sistema mãe-criança.

A subescala Aceitação apresenta valores significativamente diferentes em relação ao desempenho académico ($F.=4,280$; g.l.=6; $p. =0,002$). Quanto mais baixo é o desempenho escolar da criança mais elevado é o valor desta subescala, o que significa que

a criança possui características físicas, intelectuais ou emocionais que não são concordantes com as expectativas que os pais tinham face a ela.

A subescala Reforço aos Pais apresenta valores significativamente diferentes em relação ao desempenho escolar da criança ($F.=3,951$; g.l.=6; $p.=0,003$). Quanto mais baixo é o desempenho escolar da criança, mais elevados são os valores desta subescala. A figura parental que obtém resultados mais elevados nesta subescala não sente o filho (a) como uma fonte de reforço positivo.

A subescala Hiperatividade/Distração apresenta valores significativamente diferentes em relação ao desempenho escolar das crianças ($F.=3,216$; g.l.=6; $p.=0,011$). Quanto mais alto é o valor desta subescala pior é o desempenho académico da criança.

D. Escolaridade da Mãe

A subescala Autonomia (resultados brutos) apresenta valores significativamente diferentes em relação à escolaridade da mãe ($F.=2,497$; g.l.=9; $p.=0,024$), não sendo perceptível a sua influência.

E. Número de Filhos

Na subescala Humor apresenta valores significativamente diferentes em relação ao número de filhos que a mãe tem ($F.=3,842$; g.l.=2; $p.=0,029$). Quantos mais filhos, uma mãe tem mais elevado é o seu valor nesta subescala. Resultados elevados nesta área associam-se a crianças cujo funcionamento mostra sinais de disfunção.

F. Situação Profissional da Mãe

Encontramos diferenças estatisticamente significativas na relação da situação profissional da mãe com o *Stress* de Vida ($F.=4,759$; g.l.=1; $p.=0,034$), a Saúde ($F.=4,485$; g.l.=1; $p.=0,040$) e o Isolamento Social ($F.=7,799$; g.l.=1; $p.=0,008$). As mães desempregadas apresentam mais *stress*, menos saúde e mais isolamento social.

Resultados mais significativos

Na tabela o item 20 (*Tem um aspeto físico um pouco diferente do que eu esperava e isso às vezes custa-me*) é o que apresenta o valor médio mais elevado (4,86) e o item 111 (*diminuição substancial do rendimento familiar*) é o que apresenta o valor mais baixo (0,54).

A subescala com o valor médio mais baixo é Reforço aos Pais, tendo a subescala Vinculação um valor aproximado à subescala anterior e a subescala com o valor médio mais elevado é *Stress* de Vida. AS subescalas Hiperatividade/distração e Saúde têm valores médios aproximados.

A maioria das mães apresenta um nível de *stress* parental normal, havendo 18 com um nível de *stress* baixo e 5 apresentam níveis elevados.

As crianças, nesta amostra, em ambas as disciplinas, apresentam um desempenho académico bom.

Existe uma correlação negativa altamente significativa entre o total de *stress* da mãe e a classificação das crianças à disciplina de português e matemática. Isto significa que o aumento de *stress* é acompanhado por uma diminuição do valor da classificação das duas disciplinas. Também se verifica que quanto mais alto é o *stress* das mães mais baixo é o desempenho escolar das crianças.

O *stress* de vida e o *stress* total experienciado pelas mães apresentam uma correlação positiva, mas não significativa. Assim, aceita-se a hipótese 8 afirmando que quanto maior os níveis de *stress* de vida maior os níveis de *stress* parental.

Verifica-se que existe uma correlação positiva entre o domínio da criança e o domínio da mãe, sendo esta correlação altamente significativa.

O total de *stress* da mãe explica 21% do desempenho escolar do filho.

A subescala Vinculação apresenta valores significativamente diferentes em relação ao género. Assim, os rapazes apresentam uma vinculação mais elevada do que as raparigas.

A subescala Aceitação apresenta valores significativamente diferentes em relação à escolaridade da criança. Os alunos do quarto ano apresentam um valor, nesta subescala, mais elevado do que os alunos do primeiro ano .

A subescala Reforço aos Pais apresenta valores significativamente diferentes em relação à escolaridade da criança. Mães que têm filhos no quarto ano apresentam valores mais elevados nesta subescala do que mães que têm filhos no primeiro ano .

O valor total de *stress* é diferente consoante o desempenho académico das crianças. Existe uma relação inversa entre o valor da escala e o desempenho académico, isto é, quando uma variável aumenta a outra diminui.

A subescala Vinculação apresenta valores significativamente diferentes em relação ao desempenho académico. As crianças com bom desempenho escolar têm uma melhor vinculação do que as crianças com mau desempenho.

Em relação à subescala Domínio da Criança encontra-se valores significativamente diferentes em relação ao desempenho académico. As crianças com pior desempenho escolar apresentam valores mais elevados nesta subescala, o que traduz que estas crianças contribuem para o *stress* global no sistema mãe-criança.

A subescala Aceitação apresenta valores significativamente diferentes em relação ao desempenho académico. Quanto mais baixo é o desempenho escolar da criança mais elevado é o valor desta subescala, o que significa que a criança possui características físicas, intelectuais ou emocionais que não são concordantes com as expectativas que os pais tinham face a ela.

A subescala Reforço aos Pais apresenta valores significativamente diferentes em relação ao desempenho escolar da criança. Quanto mais baixo é o desempenho escolar da criança, mais elevados são os valores desta subescala. A figura parental que obtém resultados mais elevados nesta subescala não sente o filho (a) como uma fonte de reforço positivo.

A subescala Hiperatividade/Distração apresenta valores significativamente diferentes em relação ao desempenho escolar das crianças. Quanto mais alto é o valor desta subescala pior é o desempenho académico da criança.

A subescala Autonomia (resultados brutos) apresenta valores significativamente diferentes em relação à escolaridade da mãe, não sendo perceptível a sua influência.

A subescala Humor apresenta valores significativamente diferentes em relação ao número de filhos que a mãe tem. Quantos mais filhos, uma mãe tem mais elevado é o seu valor nesta subescala. Resultados elevados nesta área associam-se a crianças cujo funcionamento mostra sinais de disfunção.

Encontramos diferenças estatisticamente significativas no atinente à situação profissional da mãe relativamente ao *Stress* de Vida, à Saúde e ao Isolamento Social. As mães desempregadas apresentam mais *stress*, menos saúde e mais isolamento social.

Capítulo VIII Discussão

Neste capítulo, vamos proceder à discussão dos resultados de acordo com a sequência dos objetivos e das hipóteses. Começamos por analisar os resultados obtidos no PSI e os resultados obtidos nas suas subescalas e procedemos à discussão dos resultados académicos das crianças. Seguidamente discutimos os resultados obtidos nas relações entre as variáveis: *stress* parental e desempenho académico, *stress* de vida e *stress* parental, *stress* parental e variáveis sociodemográficas.

Analisando os resultados do *stress* parental das mães, verifica-se que o item 20 (*Tem um aspeto físico um pouco diferente do que eu esperava e isso às vezes custa-me*) é o que apresenta o valor médio mais elevado (4,86) e o item 111 (*diminuição substancial do rendimento familiar*) é o que apresenta o valor mais baixo (0,54), isto significa que as expectativas das mães a respeito do aspeto da criança é um fator preocupante e indutor de *stress* parental, e que a respeito da escala *stress* de vida, 23 mães em 50 referem que houve diminuição substancial do rendimento familiar.

A subescala com o valor médio mais baixo é Reforço aos Pais, mas dentro dos valores considerados normais do PSI, isto indica que o grau de interação mãe-criança resulta, para as mães, numa resposta afetiva positiva, isto é sentem a criança como uma fonte de reforço positivo e demonstra a motivação que elas têm no seu papel parental com os resultados da subescala Vinculação, tendo esta um valor aproximado à subescala anterior. Isto significa que mães de crianças nestas idades sentem que fazem um bom papel como mães. Isto vai ao encontro dos estudos de Hadadian e Merbler (1996), que verificaram que o *stress* parental contribui para uma relação mãe-criança positiva, pois quanto maior os níveis de vinculação segura na criança, menores são os problemas sentidos pelas mães no domínio da criança.

A subescala com o valor médio mais elevado é *Stress* de Vida, apresentando valores patológicos (é o caso de 21 mães em 50); isto pode indicar que a tarefa de ser mãe poderá estar dificultada, aumentando também o potencial para problemas nas interações dentro da família. Esta subescala é composta por pequenos acontecimentos indutores de *stress*, que acabam por provocar níveis elevados de *stress* nas mães e influenciar o papel parental das mesmas (Abidin & Santos, 2003, p. 37). Visto que estas situações são indutoras de *stress* familiar, muitas vezes a família não está preparada e isso constitui um problema, o que a leva a ter de proceder a modificações no sistema familiar, na sua forma de interação, valores e finalidades, tal como já foi referenciado (McCubbin & Patterson,

1982, cit in. Vaz Serra, 1999), o que vai originar o aumento do *stress* das mães. Analisando os resultados, nos últimos doze meses destas mães, verificam-se que os maiores acontecimentos de *stress* de vida verificaram-se nos resultados do item: *houve uma diminuição substancial no rendimento familiar* (sendo o item com o valor do índice total mais baixo(N=23), 15 mães referem que *houve a existência de pelo menos um membro da família ficar desempregado, a matrícula ou transferência para uma nova escola e a morte de um membro da família próxima*, 12 mães relatam o *aparecimento de dívidas*, 11 *entraram num novo emprego*, 10 *referem o aparecimento de gravidez* e 9 o *nascimento de um outro filho*, 8 *ausência temporária por motivos de trabalho*, 7 mães referem que *houve promoção de emprego e a morte de um amigo chegado da família*. 5 referem *ter havido separação do casal e problemas judiciais*, 4 *mencionam ter havido divórcio e problemas com professores na escola*. 3 mães *tiveram reconciliação do casal*, referem que *houve uma pessoa da família que se mudou para casa deles*, dizem que *o rendimento familiar aumentou substancialmente*, *referenciam a presença do casamento e a presença de doença psiquiátrica*. Os itens com menores número de respostas das mães foram: *evidenciam problemas de droga e alcoolismo* (N=2), *apresenta problemas com superiores no trabalho e a presença de um familiar preso*(N=1). Analisando estas respostas, a maior mudança foi a diminuição substancial do rendimento familiar, o que também pode justificar o elevado número de mães a referirem a presença de desemprego de pelo menos um membro da família e haver mães a referirem o aparecimento de dívidas. Treze mães referem haver a mudança de residência, o que vai ao encontro do valor obtido na matrícula ou transferência para uma nova escola. A morte de um membro próximo da família é também um acontecimento significativo na vida de 15 mães, o que pode influenciar o seu papel parental.

As subescalas Hiperatividade/distração e Saúde têm valores médios aproximados, o que indica que a presença de valores elevados na escala de hiperatividade/distração é paralela a um menor nível de saúde das mães destas crianças, pois são crianças difíceis de lidar. Nos estudos acima referenciados, mães de crianças com hiperatividade apresentam valores de *stress* parental mais elevados (Bellé, Andreazza & Bosa, 2009; Santos, 2008; Moreira, 2010).

A maioria das mães apresenta um nível de *stress* parental normal, havendo 18 com um nível de *stress* baixo e cinco apresentam níveis elevados. Das cinco mães com elevados níveis de *stress* quatro têm o filho no quarto ano e uma no primeiro ano. O que pode indicar que existem outros fatores que influenciam o desempenho escolar e que não foram

abordados neste estudo. Isto vai ao encontro de alguns estudos já realizados que relacionam o desempenho escolar com outros fatores como o ambiente familiar (Santos & Gramina, 2005), suporte social (Pearson e Chan, 1993), envolvimento parental (Callahan, Rademacher e Hildreth, 1998, Fan & Chen, 2001; Zhan, 2005, Vendrúsculo & Matsukura, 2007), comunicação (Vilanova, Rocha & Marangoni, 2011) de forma a melhorarem o desempenho escolar com uma vinculação positiva (Hadadian e Merbler, 1996)

Analisando o desempenho escolar das crianças nas disciplinas de Português e Matemática no primeiro e quarto ano verificou-se que as crianças, nesta amostra, em ambas as disciplinas, apresentam um desempenho académico bom. Para se verificar se existe relação entre o *stress* parental das mães e os resultados académicos das crianças em Português e Matemática, observa-se que existe uma correlação negativa altamente significativa entre o total de *stress* da mãe e a classificação das crianças à disciplina de português e matemática. Isto significa que o aumento de *stress* é acompanhado por uma diminuição do valor da classificação das duas disciplinas. O total de *stress* da mãe explica 22% do desempenho escolar do filho. O valor total de *stress* é diferente consoante o desempenho académico das crianças. Existe uma relação inversa entre o valor da escala e o desempenho académico, isto é, quando uma variável aumenta a outra diminui. Confirma-se a hipótese 1: *Existe relação entre o stress parental e o desempenho escolar das crianças*. Neste caso, existem estudos que correlacionaram o *stress* parental com o desempenho escolar das crianças e obtiveram resultados de quanto pior o resultado maior é o *stress* (Santos, 2011; Santos 2008) No entanto, é uma relação fraca ($R^2=0,22=22\%$). Verifica-se que 78% das variações do desempenho escolar destas crianças não estão explicadas pelas variações do *stress* parental das mães, devido às duas variáveis poderem ser independentes, poderem apresentar outro tipo de relação e/ou a variável desempenho escolar depender de outros fatores.

Analisando se existe relação entre o *stress* de vida e o *stress* parental verifica-se que o *stress* de vida e o *stress* total experienciado pelas mães apresentam uma correlação positiva, mas não significativa. Isto quer dizer que ambas se movimentam na mesma direção, à medida que uma aumenta, a outra aumenta também. Assim, confirma-se a hipótese 4: *existe relação entre o stress de vida e o stress parental*. No que diz respeito às circunstâncias indutoras de *stress*, determinado por Costa (2011), verificou-se que quando o *stress* de vida aumenta, aumenta o *stress* parental com uma correlação significativa ($p.=0,025$) o que não se verifica no nosso estudo ($p.= 0,450$).

Verifica-se que existe uma correlação positiva entre o domínio da criança e o domínio da mãe, sendo esta correlação altamente significativa. Isto significa que à medida que o temperamento e as características da criança percebidas pelas mães como negativas aumentam, aumentam também as tarefas e exigências associadas ao papel parental. Logo, confirma-se a Hipótese 3: *existe relação entre os resultados encontrados no domínio da criança e no domínio dos pais.*

Analisando a relação entre o *stress* parental e as variáveis sociodemográficas, verificou-se que a subescala Vinculação apresenta valores significativamente diferentes em relação ao género. Assim, os rapazes apresentam uma vinculação mais elevada do que as raparigas. Isto vai no sentido contrário da literatura, onde se verifica que os rapazes apresentam maior insegurança da vinculação (Baumrin,1989,1991; cit in Simões et al 2012) do que as raparigas, especialmente quando têm pais com elevados níveis de rejeição, principalmente por parte das mães (Simões, Farate & Pocinho,2012. Mas também apresenta valores significativamente diferentes em relação ao desempenho académico. As crianças com bom desempenho escolar têm uma melhor vinculação do que as crianças com mau desempenho. As mães que se sentem mais motivadas no seu papel parental conseguem dar mais apoio aos filhos e acompanhá-los na escola. Como já foi referido, o envolvimento parental no desempenho escolar é fundamental para que as crianças consigam ter um desempenho positivo. Isto implica uma boa comunicação (Vilanova, Rocha & Marangoni, 2011) e uma presença constante no acompanhamento escolar (Callahan, Rademacher e Hildreth,1998).

No caso da subescala Reforço aos Pais, esta apresenta valores significativamente diferentes em relação à escolaridade da criança. Mães que têm filhos no quarto ano apresentam valores mais elevados, o que indica que estas mães não sentem os filhos como uma fonte de reforço positivo no seu papel parental quando comparadas com as mães de crianças do primeiro ano. Constatámos que as mães de crianças do quarto ano, por este ano ser um ano que implica maior exigência escolar, constataam que o apoio que deve ser fornecido à criança não é o melhor pois, sentem dificuldade em executar o seu papel na relação mãe-criança.

A subescala Aceitação apresenta valores significativamente diferentes em relação à escolaridade da criança. Quanto mais baixo é o desempenho escolar da criança, mais elevado é o valor desta subescala. Os alunos do quarto ano apresentam um valor, nesta subescala, mais elevado do que os alunos do primeiro ano. Isto quer dizer, as crianças do quarto ano apresentam mais características físicas, intelectuais ou emocionais que não são

concordantes com as expectativas que as mães tinham face a elas. Confirma-se este resultado com Zhan (2005), quando verificou que as expectativas das mães e o desempenho escolar das crianças está positivamente relacionado, e que quanto maior são as expectativas das mães em relação ao desempenho da criança, mais elevados são os resultados na matemática e na leitura.

Pode supor-se que as mães esperam dos filhos um bom desempenho escolar, pelo que, quando se deparam com o facto de eles apresentarem dificuldades, a desilusão materna seja grande.

Em relação à subescala Domínio da Criança, encontram-se valores significativamente diferentes em relação ao desempenho académico. As crianças com pior desempenho escolar apresentam valores mais elevados nesta subescala, o que traduz que estas crianças contribuem para o *stress* global no sistema mãe-criança. Estas crianças têm um temperamento difícil e características que dificultam o papel parental das mães. Não foram encontrados estudos que correlacionam-se estas variáveis.

Relacionando o desempenho escolar com as subescalas do índice de *stress* parental, verificou-se uma relação entre as duas subescalas referentes à interação mãe-criança que envolve o impacto sobre a personalidade e a percepção do self da figura materna e demonstram que quanto mais altos os valores de Reforço aos pais e a Aceitação, piores são os resultados escolares. A subescala Aceitação apresenta valores significativamente diferentes em relação ao desempenho académico. Quanto mais baixo é o desempenho escolar da criança, mais elevado é o valor desta subescala, o que significa que a criança possuiu características físicas, intelectuais ou emocionais que não são concordantes com as expectativas que a mãe tinha face a ela. Este resultado vai ao encontro do estudo de Santos (2008) e de Santos (2011). A subescala Reforço aos Pais apresenta valores significativamente diferentes em relação ao desempenho escolar da criança. Quanto mais baixo é o desempenho escolar da criança, mais elevados são os valores desta subescala. A figura parental que obtém resultados mais elevados nesta subescala não sente o filho (a) como uma fonte de reforço positivo. Estes dados vão ao encontro de Santos (2008) que refere que o reforço aos pais está condicionado quando o desempenho da criança é baixo.

As subescalas de temperamento Hiperatividade/distração e Humor apresentam valores mais significativos, isto vai ao encontro do que já foi referido, quanto mais elevados são os níveis de hiperatividade/distração, menor é o desempenho escolar, as com elevados resultados nesta subescala Humor têm dificuldade em lidar com o temperamento da criança.

A subescala Hiperatividade/Distração apresenta valores significativamente diferentes em relação ao desempenho escolar das crianças. Quanto mais alto é o valor desta subescala pior é o desempenho académico da criança. Estas crianças são consideradas difíceis, pois apresentam algumas dificuldades em desistir, são teimosas e desobedientes, sob o ponto de vista das mães. São crianças que implica haver maior gasto de energia por parte da figura materna e uma vigilância constante (Abidin & Santos, 2003). Isto vai ao encontro do estudo realizado por Moreira (2010) que confirma os mesmos resultados.

A subescala Humor apresenta valores significativamente diferentes em relação ao número de filhos que a mãe tem. Quantos mais filhos uma mãe tem, mais elevado é o seu valor nesta subescala. Resultados elevados nesta área associam-se a crianças cujo funcionamento mostra sinais de disfunção e são crianças que provocam na figura parental ansiedade ou ira (Abidin & Santos, 2003). São crianças que apresentam problemas ao nível afetivo, tem tendência a serem deprimidas, choram frequente e tristes. Uma mãe com vários filhos terá de saber gerir o seu papel parental com todos, quando não conseguem gerir-se a criança com estes sintomas sofre.

Encontramos diferenças estatisticamente significativas no atinente à situação profissional da mãe relativamente ao *Stress* de Vida, à Saúde e ao Isolamento Social. As mães desempregadas apresentam mais *stress*, menos saúde e mais isolamento social. O fator desemprego faz aumentar os níveis de *stress* principalmente em mulheres com filhos. O pensamento de não conseguir responder às necessidades básicas da criança já gera conflito no papel parental, daí surgirem problemas de saúde o que leva ao isolamento social.

Tentando analisar se existe relação entre o *stress* de vida e o desempenho escolar das crianças, não se encontrou relação entre o *stress* de vida e o desempenho escolar das crianças, logo não se confirma a hipótese 2: *Existe relação entre o stress de vida e o desempenho escolar das crianças*.

Como já foi referenciado, existem poucos estudos onde possa haver informação em ligar estas duas variáveis, mesmo com as variáveis sociodemográficas, daí ter de se recorrer aos resultados de alguns estudos acima referidos.

Capítulo IX: Limitações do estudo

Ao longo deste estudo foram-se verificando determinados aspetos que são considerados como limitações para os resultados do estudo.

- Verificou-se poucas crianças com baixo desempenho escolar para se poder comparar equitativamente com alunos de elevado desempenho escolar.
- Os níveis de *stress* das mães também estão desequilibrados, apresentando só cinco mães com elevado *stress* parental, o número da amostra deveria ser maior para se conseguir ter mais mães com elevados níveis de *stress* parental.
- Considera-se também que o instrumento utilizado é muito extenso o que leva a pensar haver respostas falsas e a desistência do preenchimento do instrumento para se considerarem como respostas válidas.
- Verificou-se também, que a maioria dos estudos realizados sobre o *stress* parental correlacionam com patologias nas crianças e que os estudos referentes ao desempenho escolar referem outras variáveis que não controladas neste estudo (envolvimento parental , ambiente familiar, suporte social, entre outros).
- A dificuldade em recolher estudos sobre esta temática dificultou a justificação dos resultados.

Capítulo X: Conclusão

Este estudo tornou-se um desafio tanto a nível pessoal como académico. Neste capítulo abordam-se as conclusões deste estudo assim como considerações para futuras investigações.

Nesta investigação verifica-se que a maioria das mães da amostra apresentam, em média, níveis de stress parental dentro dos padrões normais e que as crianças apresentam, na sua maioria, bom desempenho escolar nas disciplinas de português e matemática.

Encontramos uma relação negativa altamente significativa entre o total de stress parental das mães e a classificação das crianças às duas disciplinas. Também se verifica que quanto maior os níveis de stress das mães mais baixo é o desempenho escolar das crianças. Isto indica que o aumento de *stress* é acompanhado por uma diminuição do valor da classificação das duas disciplinas. O total de *stress* destas mães só explica 22% do desempenho escolar do filho, o que nos dá a informação de que existem outros fatores a influenciar o desempenho escolar das crianças. O valor total de *stress* é diferente consoante o desempenho académico das crianças. Existe uma relação inversa entre o valor da escala e o desempenho académico, isto é, quando uma variável aumenta a outra diminui.

O stress de vida e o stress parental experienciado pelas mães apresentam uma correlação positiva, isto é, quando as mães experienciam níveis de stress de vida elevados, isso condiciona o seu papel parental e daí surgir maiores níveis de stress parental, mas não significativa ($p > 0,05$), isto quer dizer que existem outros fatores que podem influenciar o *stress* parental e que não estão evidenciados neste estudo.

Verifica-se que o temperamento da criança e as suas características percecionadas pela mãe como negativas fazem aumentar as exigências no papel parental.

Analisando as subescalas do PSI com as variáveis sociodemográficas verifica-se que os rapazes apresentam níveis de Vinculação mais elevados do que as raparigas contrariando a literatura, e que as crianças com bom desempenho apresentam melhores níveis de vinculação.

As mães de crianças do quarto ano não sentem os filhos como um reforço positivo (Reforço aos pais) na relação mãe-criança e que estas crianças (quarto ano) apresentam mais características físicas, intelectuais ou emocionais que não são concordantes com as expectativas que as mães tinham face a elas (Aceitação). Quanto maiores as expectativas das mães melhor é o desempenho escolar. Estas mães consideram ainda que os filhos são

difíceis de lidar, desobedientes e com comportamentos de teimosia, daí haver maior gasto de energia por parte delas (Hiperatividade/distração).

As mães desempregadas apresentam mais níveis de *stress* parental, menos *sáude* e maior *isolamento social*.

Para estudos futuros seria interessante continuar na linha da parentalidade e do *stress* parental. Considera-se importante haver mais investigações sobre o *stress* parental e o desempenho escolar, utilizando a mãe e o pai como figuras de referência. Note-se que este estudo só se considerou os níveis de *stress* das mães, mas seria interessante, em estudos futuros, analisar em conjunto com os níveis dos pais (pai-mãe).

Seria ainda interessante analisar estudos que correlacionem o *stress* parental com o desempenho escolar, englobando outras variáveis: estrutura familiar, apoio social, envolvimento parental, ambiente familiar, entre outros, que foram verificados na revisão da literatura deste estudo.

Realizar estudos de comparação de grupos entre mães com elevados níveis de *stress* parental com mães de baixo níveis de *stress* parental (amostra equitativa) e identificar em qual das situações os filhos apresentam maiores níveis de desempenho escolar e outros fatores que estejam a influenciar o bom desempenho escolar.

Estas considerações permitem ajudar futuramente as crianças e jovens que apresentam baixos níveis escolares e que os fatores que estão a prejudicar o seu desempenho são de origem familiar/parental.

Bibliografia

- Abidin. R. & Santos. S. (2003) *Parenting Stress Index*. Cegoc-Tea
- Alemida. L.. Simões. M.. Machado. C., Gonçalves.M. (2008) *Avaliação Psicológica: instrumentos validados para a população portuguesa* (2ªed.) Quarteto
- Arantes. M.. Vieira. M. (2002) *Estresse: Clínica Psicanalítica*. São Paulo Casa do Psicólogo.
- Araújo. A. (2002). Avaliação e manejo da criança com dificuldade escolar e distúrbio de atenção. *Jornal de Pediatria*. 78 (1). 104-110.
- Bennett. P. (2002). *Introdução Clínica à Psicologia da Saúde*. Lisboa: Climepsi Editores
- Callahan, K; Rademacher, J. & Hildreth, B. (1998). The effect of parent participation in strategies to improve the homework performance of students who are at risk. *Remedial and Special Education*, 19(3), 131-141. Doi:10.1177/074193259801900302
- Cia, F.; D’Affonseca, S. & Barham, E. (2004). A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho académico dos filhos. *Paidéia*, 14(29), 277-286.
- Costa. C. (2011). *Indutores do Stress Parental*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Universidade Fernando Pessoa. Porto. Recuperado em 21 de março de 2012. de <http://ufpbdigital.ufp.pt/dspace/handle/10284/1977> ~
- Cruz. O.. Ducharne. M. (2006). Intervenção na Parentalidade – O caso específico da formação de pais. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*. 13 (11-12). 295-309.
- Daly, M. (2006). *La parentalité dans l’Europe contemporaine: Une approche positive*. Paris : Conseil de l’Europe.

Deater-Deckard. K. (2004). *Parenting Stress: Current perspectives in psychology*. Yale University Press.

Elle, A.; Andreazza, A.; Ruschel, J. & Bosa, C. (2009) Estresse e adaptação psicossocial em mães de crianças com transtorno de défice de atenção/hiperatividade. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 22 (3), 317-325.

Fan, X. & Chen, M. (2001). Parental involvement and student's academic achievement: a meta-analysis. *Educational Psychology Review*, 13 (1).

Goldberg, E. & Tan, W. (2009). Parental school involvement in relation to children's grades and adaptation to school. *Journal of Applied Development Psychology*, 30, 442-453.

Hadadian, A., & Merbler, J. (1996). Mother's stress: Implications for attachment relationships. *Early Child Development and Care*, 125, 59–66.

Moreira, M. (2010). *Stress e Suporte Social em Pais de Crianças com Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Universidade Fernando Pessoa. Porto. Recuperado de <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1418/2/DISSERTA%C3%87%C3%83O.pdf>

Ogden, J. (2004). *Psicologia da Saúde*. Lisboa: Climepsi Editores

Oliveira, K., Boruchovitch, E. & Santos, A. (2008) Leitura e desempenho escolar em português e matemática no ensino fundamental. *Paidéia*, 18(41), 531-540.

Oliveira, C., Pedrosa, A., Canavarro, M. (2005). Gravidez. Parentalidade e Mudança. Stress nos processos de transição para a parentalidade. In Pinto, A. & Silva, A. (Coord). *Stress e bem-estar* (p. 59-83). Lisboa: Climepsi Editores

Pearson. V. & Chan. T.W.L. (1993). The relationship between parenting *stress* and social support in mothers of children with learning disabilities: A Chinese experience. *Social Science & Medicine*. 37. 267-274.

Pinto. A. & Silva. A. (2005). *Stress e bem-estar*. Lisboa: Climepsi Editores.

Santos. A & Castro. J. (1998). Stress. *Análise Psicológica*, 4, 675-690.

Santos. P. & Graminha. S. (2005). Estudo comparativo das características do ambiente familiar de crianças com alto e baixo rendimento académico. *Paidéia*. 15(31). 217-226

Santos. S. (2004). Índice de *Stress Parental* (PSI). In Almeida. L.. Simões. M.. Machado. C. & Gonçalves. M. (Coord.). *Avaliação Psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa* (Vol. II. p123-133). Coimbra: Quarteto

Santos. S.V. (2002). Características do *stress* parental em mães de crianças com Síndrome Nefrótico. *Análise Psicológica*. 2. 233-241

Santos. V. (2008). *StressParental e Práticas Parentais em Mães de Crianças com Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Universidade de Lisboa. Lisboa. Recuperado de

http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/695/1/17675_Dissertacao_Mestr_Integ_Psic_Vanessa_Santos.pdf

Santos (1999). Famílias de adoção e *Stress Parental*. In Alarcão, M & Relvas, A. (Coord.). *Novas Formas de Família* (p.121-180). Coimbra: Quarteto

Simões, S., Farate, C. & Pocinho, M.. (2012). *Estilos Educativos Parentais e Comportamentos de Vinculação das Crianças em Idade Escolar*. Interações: Coimbra, Recuperado de <http://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/275/281>

Siqueira. C.. Giannetti. J. (2010). Mau Desempenho escolar: uma visão atual. *Revista da Associação Médica Brasileira* (2011). 57 (1). 78-87.

Torres, D. & Neves, S. (2010). *Estratégias de Aprendizagem, Autoeficácia Académica e Rendimento Escolar: Estudo de um Modelo de Inter-relações*. Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Universidade do Minho, Portugal.

Vaz Serra. A. (1999). *O Stress na vida de todos os dias*. Coimbra: Gráfica Coimbra Lda.

Vaz Serra. A. (2005). As múltiplas facetas do *stress*. In Pinto. A. & Silva. A. (Coord). *Stress e bem-estar* (p.17-42). Lisboa: Climepsi Editores.

Vendrusculo, L. & Matsukura, T. (2007). Desempenho escolar satisfatório de crianças de diferentes realidades sócio-económicas: identificando fatores protectivos. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 15(1), 31-41.

Vilanova, L.; Rocha, P. & Marangoni, A. (2011). Comunicação e interação entre pais e filhos: influencias no desempenho escolar das crianças. *Cesumar*, 13 (2), 111-120.

Zhan, M. (2005). Assets, parental expectations and involvement, and children's educational performance. *Elsevier Science*, 28, 961-975

Anexos

Anexo 1 – Consentimento Informado ao Agrupamento de Escolas nº2 de Rio Tinto

Exmº Sr Presidente
Do Agrupamento de Escolas de Rio Tinto nº2

Porto, 5 de março de 2012

Assunto: Pedido de autorização ao Agrupamento de Escolas de Rio Tinto nº2 para a realização de uma investigação científica na Escola Básica nº1 da Boavista

Exmº (s) Senhor (s):

Eu, abaixo assinada, Filipa Soares, Mestranda em Psicologia Clínica e da Saúde pela Universidade Lusófona do Porto, venho, por este meio, pedir autorização para a realização de um estudo científico no âmbito do mesmo.

Na elaboração desse estudo científico necessitaremos de administrar um instrumento designado Índice de Stress Parental - PSI (*Parenting Stress Index*, Abidin, 1990; trad. Santos, 2003) e um questionário sociodemográfico, com o objetivo de identificar os níveis de Stress Parental e o desempenho escolar da criança.

A participação neste estudo por parte dos pais é voluntária, e todos os dados são anónimos e confidenciais, sem nenhum tipo de penalização por este facto. Os dados destinam-se única e exclusivamente à elaboração de uma tese de investigação a apresentar no final do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde.

Deste modo, venho por este meio solicitar a Vossa Excelência a autorização para administrar os instrumentos supracitados no vosso estabelecimento de ensino.

Em anexo, a esta carta contem os seguintes documentos: **Consentimento informado, PSI e o questionário sócio-demográfico.**

Sem mais de momento, subscrevemo-nos atenciosamente e agradecemos.

Filipa da Silva Soares

Anexo2 – Consentimento Informado à Escola Básica nº 1 da Boavista, Rio Tinto

Exmº Sr Diretor
Da Escola Básica nº 1 da Boavista

Porto, 5 de março de 2012

Assunto: Pedido de autorização para a realização de uma investigação científica na Escola Básica nº1 da Boavista

Exmº (s) Senhor (s):

Eu, abaixo assinada, Filipa Soares, Mestranda em Psicologia Clínica e da Saúde pela Universidade Lusófona do Porto, venho, por este meio, pedir autorização para a realização de um estudo científico no âmbito do mesmo.

Na elaboração desse estudo científico necessitaremos de administrar um instrumento designado Índice de Stress Parental - PSI (*Parenting Stress Index*, Abidin, 1990; trad. Santos, 2003) e um questionário sócio-demográfico, com o objetivo de identificar os níveis de Stress Parental e o desempenho escolar da criança.

A participação neste estudo por parte dos pais é voluntária, e todos os dados são anónimos e confidenciais, sem nenhum tipo de penalização por este facto. Os dados destinam-se única e exclusivamente à elaboração de uma tese de investigação a apresentar no final do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde.

Deste modo, venho por este meio solicitar a Vossa Excelência a autorização para administrar os instrumentos supracitados no vosso estabelecimento de ensino.

Em anexo, a esta carta contem os seguintes documentos: **Consentimento informado, PSI e o questionário sócio-demográfico.**

Sem mais de momento, subscrevemo-nos atenciosamente e agradecemos.

Filipa da Silva Soares

Anexo 3 – Consentimento Informado às mães

Consentimento Informado

Ex.mo(s) Senhor(s), sou Mestranda em Psicologia Clínica e da Saúde pela Universidade Lusófona do Porto no âmbito de uma investigação sobre “Stress Parental e Desempenho Académico da Criança” desenvolvida no contexto da Tese de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde.

Neste sentido, solicitamos a Vossa Excelência a colaboração nesta investigação, para a qual agradecemos que responda a dois instrumentos designados *Índice de Stress Parental* (PSI, *Parenting Stress Index*, Abidin, 1990; trad. Santos, 2003) e o questionário Sócio-demográfico. A participação obedece obrigatoriamente à condição de voluntariado, permitindo a recolha de conteúdo para a realização da investigação em questão.

Estes questionários só podem ser respondidos pelas mães.

Estão salvaguardadas as questões da confidencialidade e do anonimato.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Filipa da Silva Soares

Anexo 4 – Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

Este questionário tem por finalidade recolher informações sobre a mãe e a criança para completar os dados para a investigação já referenciada. Colocar uma cruz na resposta à questão colocada e responder às questões de resposta escrita.

Criança

1. Data de nascimento: ____/____/____
2. Sexo
 - a. Feminino ☐
 - b. Masculino ☐
3. Idade
 - a. Sete anos ☐
 - b. Oito anos ☐
 - c. Nove anos ☐
 - d. Dez anos ☐
 - e. Onze ou mais anos ☐
4. Escolaridade
 - a. Primeiro ano ☐
 - b. Quarto ano ☐
5. Classificação em português e matemática no 1º período
 - a. Português
 - 1.Não satisfaz ☐
 - 2.Satisfaz ☐
 - 3.Bom ☐
 - 4.Muito bom ☐
 2. Matemática
 - 1.Não satisfaz ☐
 - 2.Satisfaz ☐
 - 3.Bom ☐
 - 4.Muito bom ☐

Agregado Familiar da criança

Mãe

1. Idade _____
2. Escolaridade
 - a. Sem escolaridade ☐
 - b. Escolaridade primária ☐
 - c. Segundo ciclo
 - i. 5º ano ☐
 - ii. 6ºano ☐
 - d. Terceiro ciclo
 - i. 7º ano ☐
 - ii. 8º ano ☐
 - iii. 9º ano ☐
 - e. Ensino secundário
 - i. 10ºano ☐
 - ii. 11ºano ☐
 - iii. 12ºano ☐
 - f. Ensino superior

- i. Licenciatura ☐
 - ii. Mestrado ☐
 - iii. Doutoramento ☐
- 3. Estado civil
 - a. Solteiro ☐
 - b. Casado ou em união de facto ☐
 - c. Separado de facto ☐
 - d. Divorciado ☐
 - e. Viúvo ☐
- 4. Número de filhos
 - a. Um ☐
 - b. Dois ☐
 - c. Três ou mais ☐
- 5. Situação de emprego
 - a. Empregado ☐
 - b. Desempregado ☐
- 6. Profissão _____

Pai

- 6. Idade _____
- 7. Escolaridade
 - a. Sem escolaridade ☐
 - b. Escolaridade primária ☐
 - c. Segundo ciclo
 - i. 5º ano ☐
 - ii. 6ºano ☐
 - d. Terceiro ciclo
 - i. 7º ano ☐
 - ii. 8º ano ☐
 - iii. 9º ano ☐
 - e. Ensino secundário
 - i. 10ºano ☐
 - ii. 11ºano ☐
 - iii. 12ºano ☐
 - f. Ensino superior
 - i. Licenciatura ☐
 - ii. Mestrado ☐
 - iii. Doutoramento ☐
- 8. Estado civil
 - g. Solteiro ☐
 - h. Casado ou em união de facto ☐
 - i. Separado de facto ☐
 - j. Divorciado ☐
 - k. Viúvo ☐
- 9. Situação de emprego
 - l. Empregado ☐
 - m. Desempregado ☐
- 10. Profissão _____

Irmãos

1. Número de irmãos: _____
2. Idades: _____

Outros

1. Grau de Parentesco: _____
2. Idade: _____
3. Grau de Parentesco: _____
4. Idade: _____
5. Grau de Parentesco: _____
6. Idade: _____
7. Grau de Parentesco: _____
8. Idade: _____

Anexo 5 – Índice de Stress Parental (questionário)